

Nas páginas centrais estamos relatando fatos e depoimentos ligados à vida de Giacomo Venchiarutti, pedreiro, artista, empresário que ajudou a escrever uma página importante da nossa história. Na página 2, uma análise do grave problema da Saúde em Jundiaí, um dos capítulos mais negros, jamais escritos na vida da terra que, em outros tempos, era zelada por homens da estirpe de Giacomo Venchiarutti.

UM IDEALISTA CHAMADO GIÁCOMO.

A CIDADE VAI MAL DE SAÚDE

Quem leu a entrevista do Pedro Fávoro, concedida a "Mercado em Revista" (n.º 2, dezembro de 76) não pode deixar de sentir uma profunda decepção pelo excesso de cautela com que o futuro prefeito analisa a situação do município. Em três páginas de respostas a perguntas elaboradas com seriedade, Fávoro se afoga num caldo de galinha que, a nosso ver, não é o tratamento que a cidade está a exigir, ela que vive os mais sérios problemas de toda a sua história. Em outras palavras tudo quanto o prefeito eleito escreveu em resposta às questões formuladas pela revista pode ser resumido num cansativo "Depende" — o exatíssimo meio termo que não conduz a absolutamente nada e que está longe de sensibilizar a opinião pública para que ela, pelo menos, possa vislumbrar uma administração à qual estaria disposta a se engajar, a apoiar, a defender.

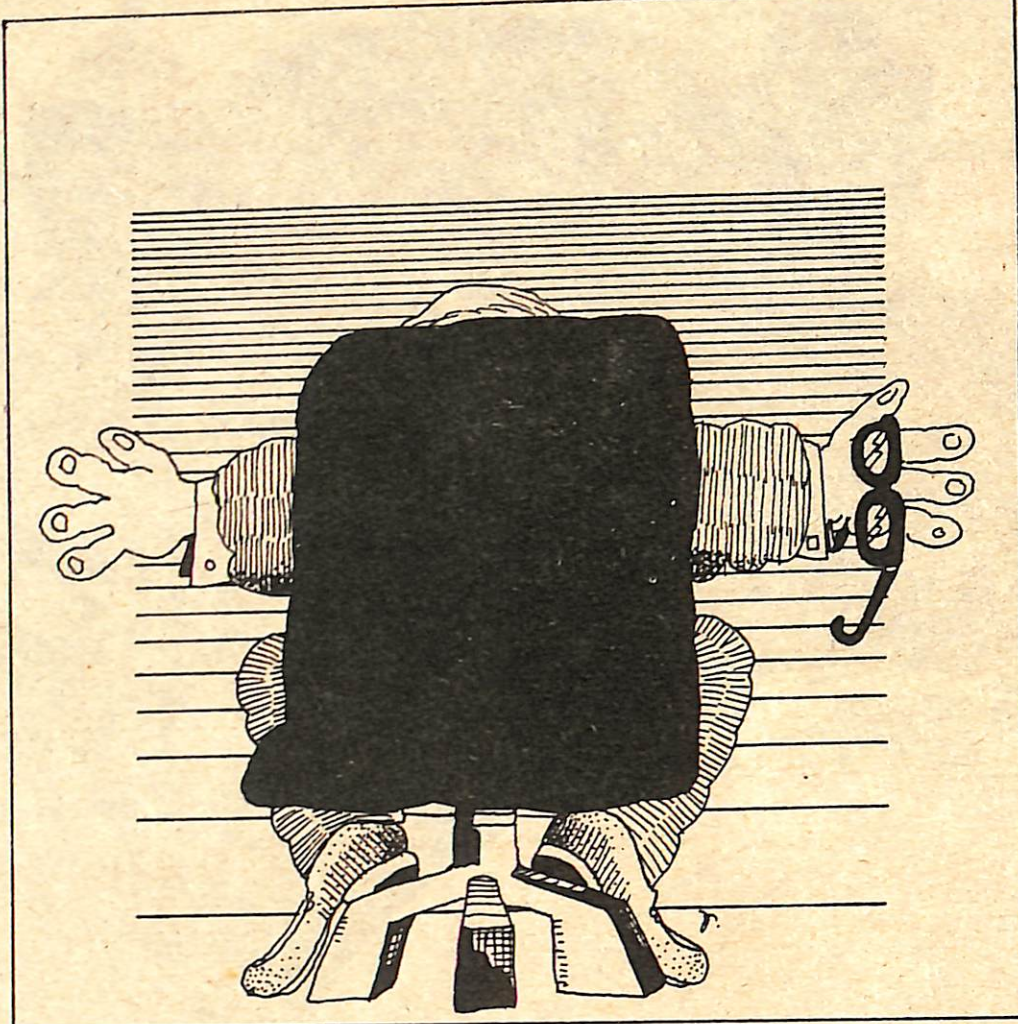
Sobre a calamidade do Sistema Viário este jornal já se cansou (e aos leitores) de apontar os erros e os desmandos da administração Cruz, erros e desmandos que vão exigir uma atitude um pouco mais objetiva do que o "precisamos saber exatamente qual é a situação", ponto alto do discurso de Fávoro em todos os seus pronunciamentos.

Outro fato, porém, talvez carregue em si maior gravidade ainda do que os abusos das avenidas e o favoritismo da Andrade Gutierrez na execução das discutíveis obras e asfaltamento: a Saúde.

Comenta-se que o Hospital São Vicente está com um déficit de 10 milhões de cruzeiros. Sabe-se que o Deus-dará em que se encontra sua administração está gerando sérios problemas, desde o atendimento irresponsável aos enfermos, até a ameaças de greve no Pronto Socorro Municipal por falta de médicos plantonistas que acabam deixando a responsabilidade da prescrição de medicamentos a estagiários que não querem, nem podem, executar responsabilmente essa tarefa.

O que acontece com aquela casa de Saúde? A partir de quando está se desintegrando, ela cuja história registra a participação de tantos idealistas que lutaram pela sua instalação?

Segundo pessoas que acompanham a vida do São Vicente, sua maior crise está ligada ao início da administração Cruz, quando



foi exercido todo tipo de pressão para afastar o então diretor, Dr. Toledo, alegando-se que suas ligações com o grupo médico Jundiaí Clínicas poderiam representar algum tipo de ação (?) que não interessasse ao Hospital. O fato é que esse médico deixou o cargo, que foi ocupado pelo Dr. Murilo.

Alguma coisa do que aconteceu durante a administração do Dr. Murilo chegou a ser divulgada pela imprensa, especialmente o caso ocorrido com um médico-residente que "se insubordinou" contra as diretrizes do administrador sr. Bertoni e que culminou com a demissão do diretor-clínico Murilo.

Quem acompanhou o fato não pôde deixar de sentir que tudo poderia ser interpretado como sendo uma nova pressão do grupo ligado ao prefeito Ibis Cruz visando, segundo esses observadores, a um plano que colocava em quadro o grupo médico Sobam, do qual o secretário da Saúde, Dr. Arnaldo Reis, é sócio. Ainda segundo esses observadores, tratava-se de uma jogada que se efetivaria com a esperada eleição de Arnaldo Reis para a prefeitura.

Se isso ocorresse, e com o estado de falência do Hospital São Vicente, uma das saídas para o

problema seria reconhecer a incapacidade, ou inconveniência, da prefeitura continuar subvencionando o Hospital. Seria, então, aberta concorrência para que "a jaca" (como é tratado o Hospital) passasse para outras mãos.

Mas a quem interessaria carregar tão pesado fardo?

Os analistas acreditam que interessaria diretamente à Sobam grupo que não possui uma infra-estrutura hospitalar necessária para atender aos futuros esquemas de convênios com indústrias que, se eleito, Arnaldo Reis teria condições de estabelecer, usando das prerrogativas que o cargo naturalmente propiciaria.

São hipóteses, são conjecturas, que nem mesmo merecerão maior atenção ou a busca de dados mais precisos para sua constatação efetiva, uma vez que o esquema furou a partir da derrota do candidato do prefeito.

Mas julgar que isso significa o fim da era trágica que vive a Saúde em Jundiaí é ser ingênuo demais.

Resta o seríssimo problema da Faculdade de Medicina, que tem ligações profundas com tudo quanto vem acontecendo com o Hospital São Vicente, com a administração Cruz, com os grupos que dominam a medicina em nossa cidade.

Uma tônica marcou todas as administrações do Hospital São Vicente, desde o afastamento do Dr. Toledo: o interesse na desvinculação da Faculdade de Medicina do hospital.

Segundo os mesmos observadores, o desvinculamento começou por interessar à própria direção da Faculdade, já que a falta de um hospital-escola favoreceria a inclusão estadual que unificou diversos Institutos isolados do Estado. A direção e ao corpo docente, o fato de pertencerem a uma Universidade estadual, em vez de a uma autarquia municipal, representaria uma perspectiva profissional melhor, quer do ponto de vista de carreira, quer sob o aspecto da remuneração.

Afora isso, o desvinculamento levaria (como levou) os estudantes dos últimos anos a estagiarem em Franco da Rocha, advindo daí uma verba, paga pelo Estado, destinada à Faculdade — verba que, segundo se comenta, giraria em torno de 2 milhões de cruzeiros, e cuja aplicação até hoje ainda não foi claramente demonstrada, nem cujo destino se conhece.

Nesse quadro absurdo, pelo menos pela falta de maiores informações à opinião pública, ficam à mercê das conjunturas os alunos, os maiores prejudicados. Estagiando no precaríssimo hospital de Franco da Rocha, os estagiários são obrigados a contar com preceptores que, na realidade, são os médicos plantonistas do hospital, nem sempre interessados em dar esclarecimentos de caráter educacional aos alunos: afinal, esses plantonistas são pagos para dar plantão e não para serem docentes.

Não pretendemos esgotar o assunto nesta análise. Queremos apenas levantar uma questão que vai exigir uma tomada de posição por parte da futura administração municipal. Queremos que o sr. Pedro Fávoro se explique. Por escrito ou não, mas com clareza.

Quanto aos demais nomes citados neste comentário, colocamos as páginas do "Jornal de 2ª" à disposição dos pronunciamentos que julgarem necessários. Mesmo porque eles são necessários até para evitar especulações que não nos interessa alimentar: nossa intenção é apenas esclarecer a opinião pública, nada mais.

Equipe J2a.

ASSINE
© JORNAL DE 2ª

JORNAL DE 2ª

Propriedade da Editora Japi Ltda
Rua Seador Fonseca, 1044 — Tel: 434-8648
Redator Chefe: Sérgio Rondino
Ilustração: Décio Denardi
Diagramação: Carlos Kazuo Inoue

EM BUSCA DE TROMBETEIROS

A notícia era curta, escondida no canto de uma página do jornal. Dizia que um certo deputado federal Octacílio Alves de Camargo da região de Rio Preto, pretende iniciar este ano uma campanha de defesa de São Paulo no Congresso Nacional, pois o Estado está marginalizado politicamente. O deputado dizia-se aborrecido com a posição negativa de São Paulo, lembrando que os presidentes do Senado e da Câmara, além dos líderes do governo nas duas Casas, são todos representantes de outros Estados. E concluía: a culpa, "evidentemente, é da falta de prestígio da Arena paulista".

O atual presidente nacional da Arena é mineiro, e os anteriores foram um gaúcho, um mineiro, um matogrossense e um piauiense. O presidente do Senado é um mineiro, o futuro será piauiense. O presidente da Câmara é do Rio, o futuro será de Pernambuco. O líder do governo no Senado é do Piauí, e o líder na Câmara é de Minas.

Getúlio era gaúcho, Juscelino mineiro, Jânio paulista, Jango gaúcho, Castelo cearense, Costa e Silva gaúcho, Médici gaúcho. E Geisel é gaúcho, o que dá uma goleada gaúcha nas últimas décadas: cinco para eles, três para o resto.

Portanto, fazendo as contas, nada mais correto do que o velho ditado popular: paulista trabalha, mineiro faz política e gaúcho governa.

Tem lá suas razões e aborrecido deputado paulista. Pois, se essa história já é tão antiga que virou ditado popular, também não era preciso chegar ao exagero da situação atual, em que o mais rico e poderoso Estado da Federação não consegue nem a presidência da Câmara. O deputado Herbert Levy — que queria esse cargo e foi barrado — que o diga.

(Parêntesis para uma exceção:

pelo menos no MDB as coisas não andam tão mal para São Paulo. O atual presidente nacional do partido é paulista, o anterior era paulista. E o líder da Oposição no Senado é paulista).

É bom lembrar que o deputado de Rio Preto não foi o primeiro a propor uma cruzada política pró São Paulo. Assim que tomou posse, o governador Paulo Egydio anunciou que sua principal meta era aglutinar as forças vivas do Estado, realizando uma política e uma administração que fizessem a voz paulista ser ouvida e respeitada. As trombetas paulistas ecoariam poderosamente na imensidão do planalto central.

A julgar pelos lamentos do deputado de Rio Preto, as trombetas continuam sem trombeteiros.

Há esperanças?

Talvez sim, segundo indicam o noticiário e os comentários mais recentes dos analistas políticos.

Teriam surgido nos últimos dias de 1976, mais exatamente no momento em que, ao deixar sorridente o gabinete do presidente da República, o ex-todo poderoso ministro Delfim Neto praticamente anunciou sua candidatura ao governo de São Paulo em 78. Pouco depois, Delfim receberia uma aval público do Sistema à suas pretensões, na forma de um elogio do próprio presidente Geisel.

Raciocínio dos mesmos analistas: com Delfim instalado na direção do mais poderoso Estado da Federação, cercado do apoio do vasto complexo político-empresarial paulista, estaria inegavelmente plantada a semente de uma irresistível candidatura civil — e paulista — à Presidência da República, em 1982.

São Paulo teria, então, as trombetas e o seu Gedeão. Haverá resistências nas muralhas de Jericó?

Além disso...

Do senador arenista Eurico Rezende, trazendo nova e substancial colaboração ao debate sobre o aperfeiçoamento político do país:

— Não há muita diferença entre eleições diretas e indiretas. As diretas são mais festivas, as indiretas mais solenes. Apenas uma questão de protocolo.

Denúncia de um deputado do MDB do Piauí: a Prefeitura da cidade de Pedro II, a 210 quilômetros de Teresina, gastou cem mil cruzeiros no pagamento de contas de gasolina. Para quê tanta gasolina, ninguém sabe: a Prefeitura não possui nenhum veículo automotor.

Deu no Diário Oficial da União: — a Secretária Geral do Ministério do Trabalho dispensou, a partir "do fim do expediente do dia 26 de outubro", uma funcionária do quadro permanente. "Em virtude de falecimento".

— o Departamento de Polícia Federal contratará os serviços de uma firma particular para a vigilância de suas instalações.

O Instituto Gallup, em pesquisa de opinião pública feita no fim do ano, descobriu que em São Paulo e

no Rio de Janeiro está grassando o maior índice de pessimismo (em relação ao ano seguinte) dos últimos dez anos. Segundo a pesquisa, 55% dos paulistas e 45% dos cariocas estão pessimistas.

Imagina-se, portanto, que deve estar sendo recebida com muita simpatia nos lares paulistas e cariocas a recente campanha da Rede Globo, segundo a qual "o pessimista é antes de tudo um chato".

Pergunta do deputado estadual Paulo Kobayashi (Arena) aos repórteres que cobrem a Assembléia Legislativa:

— Será que a lei permite pedir o impeachment do governador por incompetência?

Delfim Neto, depois de ser recebido por Geisel em Brasília, e diante da pergunta sobre se teria sondado o presidente em relação a um sinal verde à sua candidatura ao governo paulista:

— Olha aqui, inicialmente eu não acredito que o Palácio do Planalto seja um farol. E muito menos de trânsito. De forma que eu não vejo nenhuma razão para me dar sinal vermelho.

E foi embora sorridente, feliz: o sinal tinha sido verde.



"PER ASPERA, AD ASTRA"

— Bom dia...

—... senhor Erazé.

Quem já leu o Pato Donald pode imaginar a loucura de um par de vasos (cara igual, roupa igual, voz igual) te saudando assim, em dois tempos, sobrinhas de algum pobre diabo, leitoras deste pobre semanário e, desgraçadamente, interessadas no concurso de contos.

Pois foi o que aconteceu. Duas irmãs, gêmeas em tudo, vieram me procurar para saber detalhes sobre o concurso.

— Nós gostamos muito...

—... de escrever. Por isso...

—... estamos dispostas a concorrer.

Hi, hi...

—... hi, hi.

Como o regulamento, num parágrafo de fraqueza, fala em "todos os interessados, sem qualquer limite de idade e sem qualquer outra distinção", fui obrigado a levar a conversa adiante mas, confesso, tentando achar algum impedimento: eu não conseguia imaginar as gêmeas agradecendo o prêmio pelo primeiro lugar:

— Muitíssimo...

—... obrigadas.

Por isso fiz a pergunta:

— Vocês, ou melhor, as senhoras...

— Hi, hi, hi. Pode nos chamar...

—... de vocês. Afinal, não somos tão...

—... coroas assim, hi, hi, hi.

Prossigui, perguntando se elas já haviam escrito alguma coisa antes. Minha esperança era de que fossem "primárias", conforme as suas aparências. Isso seria o pretexto para dificultar a inscrição. Qual o quê.

— Já. Hi, hi, hi. Temos aqui...

—... conosco algumas crônicas. O senhor...

—... quer ver? Hi, hi, hi.

Não, eu não queria. Talvez fosse mais fácil se elas me contassem ligeiramente o assunto das crônicas, "pra ver se enquadram no espírito do concurso". Foi o máximo que consegui inventar.

— Esta aqui é a história de uma...

—... girafa que parecia hipopótamo. E todo o zoológico a tratava como se fosse...

—... um hipopótamo, hi, hi, hi.

Mas qual seria a validade de uma crônica dessas? Mero exercício de ficção? Nada!

— É uma indireta. Nós conhecemos um...

—... jogador de tênis que se parece com...

—... um cavalo. Por isso, a gente estaria dando...

—... uma indireta nele, de quem a gente não gosta.

E a outra crônica? Talvez ela fosse um pouco mais direta, "as senhoras, digo, vocês sabem que este jornal gosta de coisas mais diretas, não?"

— Talvez esta outra. É sobre...

—... uma vaca que se parecia...

—... com uma borboleta. Sabe, é que a gente conhece...

—... um norte-americano que se parece com um elefante. Então a gente estaria tirando um...

—... sarro dele, contando a história da vaca...

—... que se parece com a borboleta. Uma indireta, sabe?

Não argumentei mais nada. Fui até o arquivo, peguei um exemplar do "J 2a." que trazia o regulamento, entreguei às gêmeas e insinuei que havia muito trabalho a ser feito, por isso me despedia.

As duas estenderam as mãos ao mesmo tempo, sorriram seu hi, hi, hi, sem graça, despedi-me de uma, depois da outra e já ia me virando quando o dueto falou:

— Desculpe, mas o senhor se parece muito com um...

—... nosso tio. Ele é muito famoso...

—... na cidade.

Fiz de conta que não ouvi. Mas fiquei com a dúvida: seria alguma indireta? Mais uma?

Erazé Martinho

“Uma camionete de Itatiba descarregou uns 15 mendigos, com seus sacos nas costas, no centro da cidade. Eu passava perto e vi isso com meus próprios olhos”. (Romeu Zanini, JJ de 1/2/77)

“Em meio à festa, cá estamos desejando feliz ano novo. (mensagem do mesmo jornal, mesma edição)

“Eu abro minha alma a fim de que o povo possa entender aquilo que sou. Quero que o povo sinta minha alma. Alma é quando você consegue pegar uma canção e fazer dela uma parte de você mesmo... uma parte que seja tão real, tão real, que quem o ouça pense que aquilo aconteceu consigo”. (Ray Charles)

“A gente está fazendo no Brasil, hoje, o teatro mais pobre deste século. Quando eu digo pobre, eu digo pobre de identidade, pobre de vida brasileira. E isto é um quadro anômalo na história do teatro brasileiro, pelo menos neste século”. (Paulo Pontes, autor teatral falecido no dia 27/12)

“Eu jogo um tênis mais livre, onde o importante é o meu domínio em relação à quadra. Saber na hora exata qual é a bola exata. Eu acho que esses jogadores que praticam o chamado tênis-força, que estão submetidos a essa máquina do tênis, acabam cedo. Por isso eles se entregam tanto à máquina. Como seu jogo depende da condição física ou da força, eles a aproveitam enquanto a têm”. (Gláucia Langela)

“Eu acho essa medida do racionamento ótima, mas acho também que não acontecerá, porque, se houver, o número de desemprego será grande demais; e, para tomar essa decisão, o governo tem que pensar muito”. (José Antonio Segre, Jornal de 2a., 27/12 a 2/1)

“O teatro brasileiro sempre viveu de autores nacionais e estrangeiros. Catalogar o que é bom ou mau, é uma posição elitista, safada.

E, na verdade, um ranço cultural”. (Fernanda Montenegro, atriz)

“Ah, a maravilha das famílias italianas, que não conhecem, quando começam a discutir, a conveniência do “cá entre nós” e, entre gestos de palmeiras ao vento, esparramam as entranhas de esquina a esquina, como despojos de batalhas oferecidos à vizinhança. Decididamente, nós, itaianos, ou mesmo **oriundi**, somos uma raça com vocação para as árias operísticas, repletas de agudos e agudíssimos. Ninguém me convence de que Nicolau Amati e Antônio Stradivarius não estavam distraídos quando fizeram os violinos que lhes deram celebridade. O que eles deviam estar querendo, mesmo, era fabricar cornetas”. (Mário Lago, em seu livro “Na Rolança do Tempo”, Editora Civilização Brasileira)

“A situação é a seguinte: nós já temos um time-base, um time muito bom que só nos deu grandes vitórias em 76 e que foi o primeiro passo para a renovação. Por isso ele será, em princípio, mantido. Rivelino continuará no meio-campo. E Givanildo, um jogador que sabe proteger e apoiar muito bem, também tem lugar certo. Mas se as coisas não correrem como desejo, Falcão entra no time e aí seria necessário também o aproveitamento de Caçapava, não só pelo entendimento entre os dois no Internacional mas também pelas suas características de jogo”. (Oswaldo Brandão, técnico da seleção brasileira).

“Um jogador de futebol deve saber até onde pode chegar. Eu sei e já mostrei isso na seleção. Cheguei desacreditado, só quem em conhecida era o pessoal do Recife. Então, esperei minha chance e mostrei condições, porque senão não seria chamado de novo”. (Givanildo)

“Por que o homem mata? Ele mata por comida. E não apenas por comida. Frquentemente, é preciso haver alguma bebida”. (Woody Allen)

PUFFS

Vestígio era um traje usado pelas sacerdotisas de uma religião secreta.

Távola é um tipo de polenta servida em prato de madeira.

Escotilha são meninas que se vestem como homem.

Alcova é um peixe que vive escondido em tocas.

Sarapatel é uma fritura judaica.

Loquaz foi um orador maluco.

Robalo é uma artimanha usada pelos peixeiros para ganhar no peso.

Pandemônio é um biscoito que o diabo amassou.

Chacota é uma bebida que se serve aos pouquinhos.

Borba Gato tinha uma bota de sete léguas.

Diogo Cão morreu de raiva.

Vândalo é um machado muito perfumado.

Xerez foi um imperador persa que vivia bêbado.

Mirra foi o mais franzino dos três Reis Magos.

Caravela foi o primeiro besouro que chegou ao Brasil.

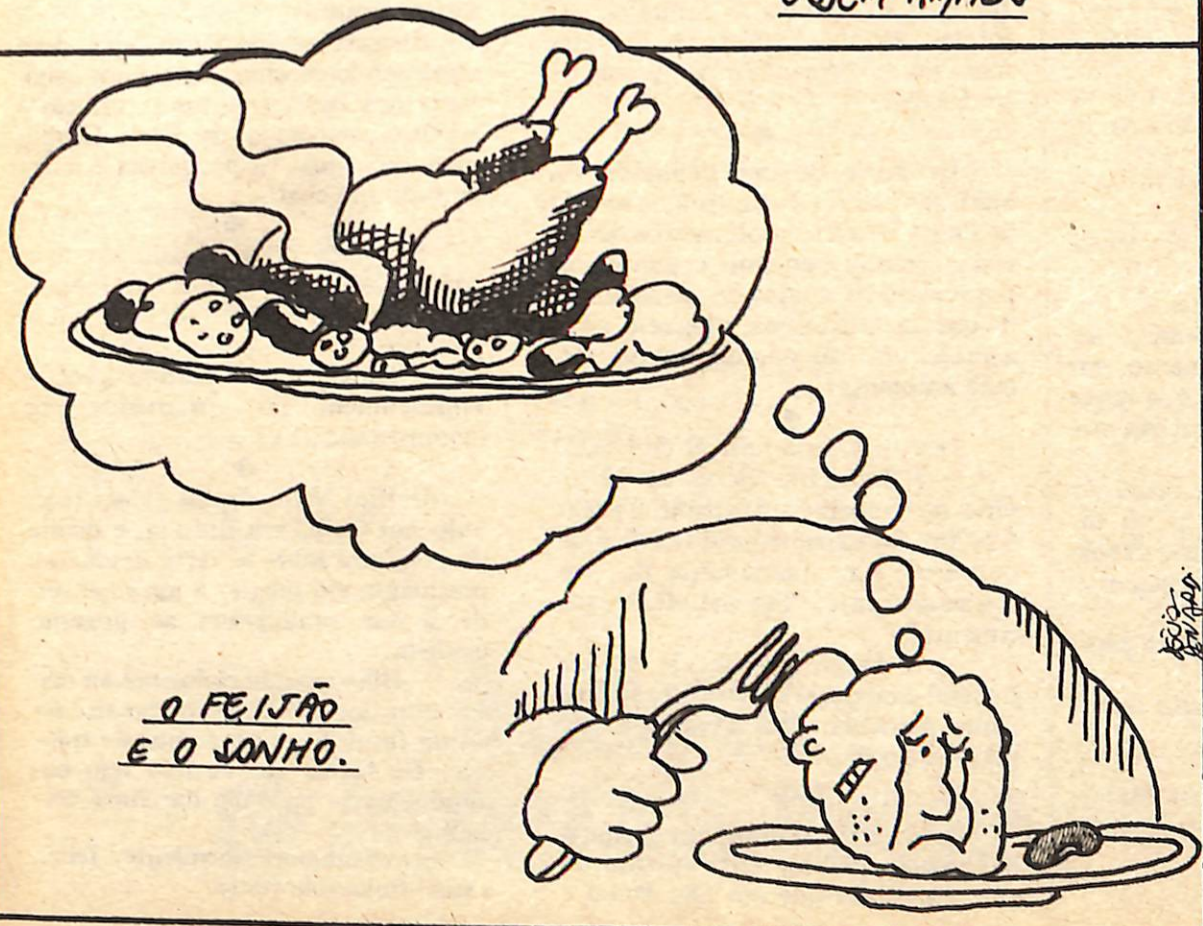
Adúltera é uma pecadora maior de idade.
Zaretu

INTERVALO PARA A NOVELA



BEM-AMADO!!

O BEM AMADO



Advocacia

dr. Ademercio Lourenção

dr. Alcimar A. de Almeida

dr. Francisco V. Rossi

R. SIQUEIRA DE MORAIS
N-578 TANDAR
EDIFÍCIO MARIJU

COMÉRCIO DE COUROS
Rua Dr. Tomes Neves, 338
Bola futebol n.o 1 - 60,00
Bola futebol n.o 2 - 74,00
Bola futebol n.o 3 - 97,00

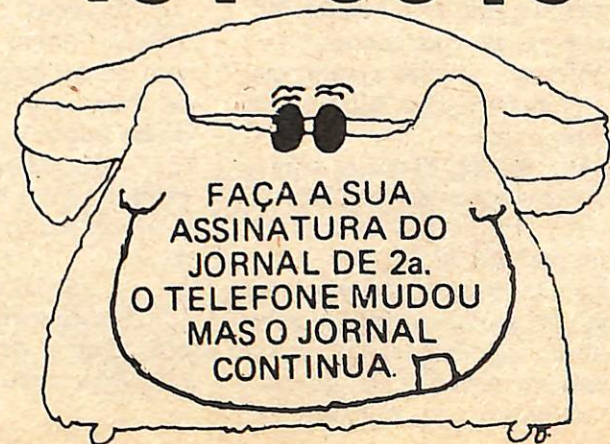
AÇOUGUE E CASA DE
CARNES MARCIO CACEZES
Rua Senador Fonseca, 1032
Entregas à domicílio
Fone 6-4880

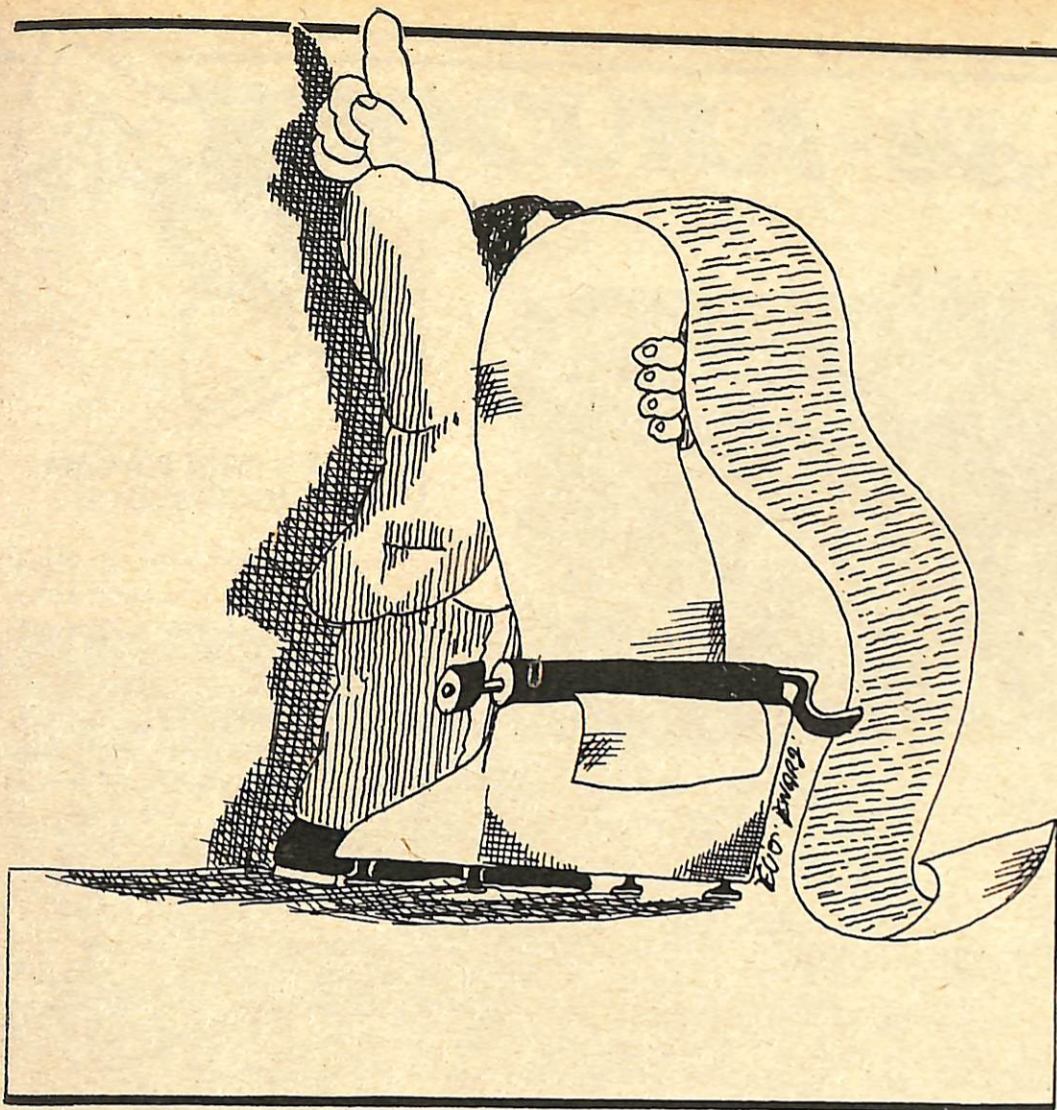
FOTO LUIZ
Agora em novas
instalações.
Rua São José, 22

Escritório Comercial Leonel
Rua Vigário JJ Rodrigues, 162
Fone 436-1541

FOTO GELLI
Rua do Rosario, 334
Fone 4-2253

434-8648





HONROSAS MENCÕES

Não, não posso resistir. O ano acabou, todo mundo fez sua listinha, todo mundo deu aí seu Moliérezinho, seu troféu Imprensa, seu Orcarzinho, os colonistas fizeram lista dos dez mais, e até nas prisões teve lista para ver quem ganhava indulto de Natal.

A tentação é grande. Sim, eu também tenho direito a uma listinha. Lá vai, com seu perdão:

O melhor jogador - Rivelino, jogando pelo Corinthians contra o Fluminense.

O pior jogador - Rivelino, jogando pelo Fluminense contra o Corinthians, no mesmo jogo.

Melhor técnico - Livio Tagliacarne, que conserta televisões com um pé nas costas.

Melhor filme nacional - Dona Xica da Flor e seus Três Patetas, ou algo semelhante.

Melhor filme estrangeiro - Um Estranho dia do motorista de táxi chamado cão, ou o voo do kung-fu, ou a última loucura do Tubarão, não sei, me confundo um pouco.

Melhor torcida - a minha, contra o Corinthians. Deu certo.

Melhor programa de tevê - maturidade colegial, pelo Canal 2.

Grandes momentos da imprensa - a inauguração do off-set do Jornal da Cidade, depois um longo idílio com o Chico impressor.

Melhor ator de tevê - Amaral Neto, por seu papel de repórter no programa "Amaral Neto, o Repórter".

Melhor novela - "A Cabana do Pai Tomás", com Wilson Simonal e Linda Darnell, ainda não levada ao ar, mas falta pouco, podes crer.

Prefeito mais eficiente - o de Quixeramobim, no Ceará, que conseguiu levantar um papagaio no banco em 14 minutos, 26 segundos e 16 décimos, batendo o recorde anterior por dois décimos de segundo.

Melhores efeitos especiais - os de um candidato oficial a prefeito numa cidade do interior, com seu impecável ballet de kombis coloridas.

Melhor trilha sonora - a banda do Carlitos na inauguração de avenidas.

A melhor eleição - para presidente do Flamengo, onde os candidatos não tinham número e falavam pela televisão. Foi eleita, aliás, a rede Globo, que certamente fará do Flamengo um time espetacular, todos os domingos às 15 horas, logo após o Domingo Gente.

O melhor secretário do Estado - Não assumiu ainda mas é Brzhynsky, dos Estados Unidos, que tem muito mais consoantes do que Kissinger.

Jornal mais íntegro - todos os que não podem ser vendidos separadamente e se vendem em bloco.

Melhor troca - a de Luis Corvalán, comunista chileno, por Fedato, centro-avante do Palmeiras (Ou terá sido a do Bukovsky, dissidente russo, por Jorge Mendonça, do Náutico?)

Melhor time de futebol - o do Paulista, de Jundiaí. Caráter boníssimo, alma cândida, ataque inofensivo. Incapaz de fazer mal a seu pior inimigo.

Melhor asfalto - o da rua Torres Neves. Incapaz de afogar um macaco.

Câmara mais atuante - Luis da Câmara Cascudo, que passou o ano todo fazendo pesquisas de folclore.

Melhor desenho animado - aquele do gato correndo atrás do rato e o rato sempre escapando.

O símbolo sexual do ano - Wilza Carla, do Cadernetão, por ter despertado os instintos mais primários do homem: os de guardar dinheiro na Haspa.

Melhor permuta: a de seis jogos de chá por dois estádios de futebol com traves e tudo, proposta pelo prefeito de Guadalupe, na Colômbia, e rejeitado por obra e graça de um milagre da Virgem de Guadalupe, que ameaçou destruir a cidade com um terremoto.

Menção honrosa - Kornélia Ender nadadora alemã oriental, por ter passado no exame de aprovação de sexualidade, sem segunda época (deve ter colado) e Idi Amin Dada, por não ter aceitado o convite da Rede Globo para contar piadas no Fantástico, no lugar de Chico Anísio.

Sandro Vaia

Desde o começo do ano passado eu fiquei intrigado com as aventuras de um estelionatário americano Ben Jack Cage. Não era para menos: o que pensar desse senhor de ar cinematograficamente respeitável, cabelos brancos, que fuma cachimbo e que aplica os mais variados golpes há 19 anos?

Os criminólogos falam, de vez em quando, na figura do white collar, o criminoso de colarinho branco. Entre nós, uma figura pouco conhecida. Mas seria ele o grande sonegador, contrabandista, aquele que lesa o fisco, que não paga impostos, que causa sérios prejuízos financeiros a pessoas e empresas. Há uma diferença fundamental entre ele e o assaltante: este, ao ser preso em flagrante ou processado por infração ao artigo 157 do Código Penal, amarga irremediavelmente 5 anos e 4 meses de reclusão. Isso sem contar a medida de segurança, pena acessória, que implica - geralmente - em um ou dois anos a mais numa casa de custódia e tratamento, até ser considerada cessada a sua periculosidade.

Com o nosso white collar, não: na verdade, ele causa muito mais prejuízos do que o assaltante à mão armada (obviamente, não falamos aqui dos autores de latrocínio). Entretanto, as alquimias jurídicas permitem, quase sempre, que ele passeie impunemente pelas páginas do Código Penal e, não raro, seja considerado - apesar de tudo - um "homem de bem".

Conto tudo isso para os leitores tenham uma idéia da periculosidade deste intocável Ben Cage. Ex-prefeito de Dallas, Estados Unidos, até o dia em que deu um golpe de 100 milhões de dólares na Prefeitura. Por causa disso foi condenado a 10 anos de prisão, por peculato - mas o vil metal permitiu que ele corrompesse a quem de direito e fugisse para o Brasil.

Aqui, iniciou-se a sua brilhante carreira de estelionatário "vendendo" quase metade das terras do Estado de Goiás. Depois, veio para o sul e, especialmente em São Paulo e no Rio, locupletou-se ilicitamente com pelo menos 20 milhões de cruzeiros, ao longo dos últimos anos. Impunemente.

II

Na semana passada, resolvi escrever sobre essa minha intriga no Jornal da Tarde. Falei sobre os estranhos fluidos protetores, sempre derramados sobre a cabeça de Ben Cage, e sugeri que o secretário da Segurança Pública, coronel Antônio Erasmo Dias, acompanhasse as investigações sobre esse ousado estelionatário.

Na verdade, não fiquei surpreso com a reação do secretário - ele sim é que ficou surpreso com o teor das revelações: "mas isso parece estória de carochinha!". Parecia, mas não era.

Assim, as determinações do coronel Erasmo foram energicas: as in-

vestigações sobre Cage - preso há poucos dias pela Coordenadoria de Informações e Operações - CIOP - passaram a ser coordenadas pelo Deic, através da Delegacia de Estelionato.

III

No Jornal de 2a., eu costumava ler as crônicas de Sandro Vaia sobre a figura do "assessor". Sérgio Rondino também se referiu a ele, há pouco tempo.

Esse "assessor", figura aparentemente lendária, é uma realidade de nossos dias, em repartições, autarquias, secretarias e similares. Com relação aos jornalistas, muitos assessores nos consideram, digamos, "inimigos". Funcionam como anteparo, ou abre-portas. Em alguns casos, como maçanetas.

Mas, nesse caso específico que relatei nos itens I e II, não faltou o assessor que considerou a abordagem do problema Ben Cage "comprometedora" (sic) para a imaculada máquina policial.

Como se vê, os "assessores", de modo geral, não assessoram, ou assessoram mal. Mas, invariavelmente, consideram-se mestres em jornalismo, ética, moral, comportamento, psicologia, psiquiatria, Direito Penal, problemas penitenciários, urbanos, de saúde, transportes, etc.

Em suma, no melhor estilo maniqueísta, consideram-se experts em discernir o que é "bom" e o que é "mau".

IV

Claro que nós, jornalistas, não nos devemos curvar, jamais, a esses seres que costumam pairar sobre tudo e sobre todos.

Assim, qual não foi o espanto de certo assessor quando o secretário da Segurança, comprovando as denúncias e determinando providências energicas, comentou: "é com comentários assim que a imprensa presta grandes serviços". E continuou:

- É preciso que a imprensa aponte os nossos erros; é preciso que as mazelas sejam denunciadas: se não fosse pela imprensa, eu não saberia nada disso.

V

É assim que a gente recupera o ânimo de lutar pela preservação dos filetes de água pura nos canos de esgoto. Essa frase foi selecionada há pouco tempo pelo Jornal de 2a.. Eu acrescentaria: não existe estímulo maior do que a consciência do dever cumprido, apesar dos assessores - maçanetas ou não. E, principalmente, nada como poder encostar a cabeça no travesseiro e poder dormir tranquilo.

Pode parecer lugar comum - mas é a pura expressão da verdade. Sem dúvida, algo que os assessores poderiam pensar em experimentar.

Percival de Souza

LEIA E ASSINE

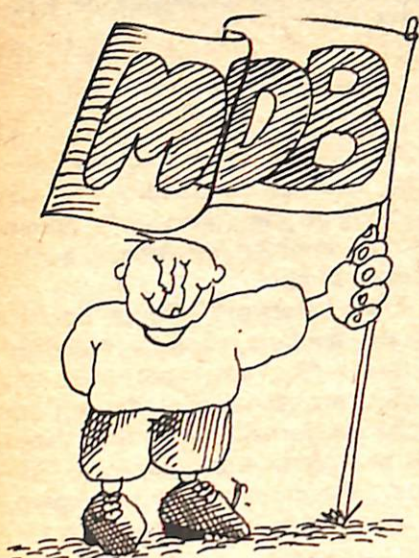
O JORNAL DE 2ª

fone: 434-8648



ZONA FRANCA

AO POVO JUNDIAIENSE



Terminada a eleição de 15 de novembro passado, verificamos, com satisfação, que o MDB continua crescendo no conceito do povo jundiaense, uma vez que elegeu à Câmara Municipal 6 representantes, quando na eleição anterior havia conseguido apenas 4.

Quanto à Prefeitura, embora os nossos candidatos não tenham alcançado a votação esperada, observamos, também que a votação foi expressiva e maior que a anterior.

Entendemos que cumprimos com o nosso dever, na luta pelos candidatos da legenda MDB.

Sentimo-nos envaidecidos pela demonstração de civismo do eleitorado jundiaense, na última eleição e, acreditamos que, para isso, o MDB muito contribuiu, levando mensagens de confiança num futuro melhor, mensagens que inspiraram a participação do povo nas causas públicas, mensagens que estabeleceram e vêm estabelecendo, dia a dia, melhor relacionamento entre MDB e Povo.

A nossa gratidão ao povo de Jundiaí pelo interesse demonstrado pela causa pública.

Nesta oportunidade aproveitamos o ensejo para desejá-lhes um **Feliz Natal e Próspero ano de 1977**, extensivo aos familiares.

Atenciosamente

Antônio Prado — Pres. do MDB — Jundiaí

Jayro Maltoni — Deputado Estadual



A FESTA DOS SILVESTRONI

Como acontece todos os anos, desde 1971, a família Silvestroni se reuniu no fim do ano, na sede do Náutico (Colônia), para sua tradicional festa de confraternização. Mais de 150 pessoas — de Andradas, São Paulo e outras cidades — que inclusive fretaram ônibus estiveram com seus parentes de Jun-

diaí, garantindo um recorde desde que a tradição começou: nunca houve tanta gente reunida para um festa da família. (A inovação foi uma insólita "corrida de sacos" só para adultos).

E os planos para o ano que vem são ambiciosos: a idéia é trazer parentes da Itália, como na primeira festa.



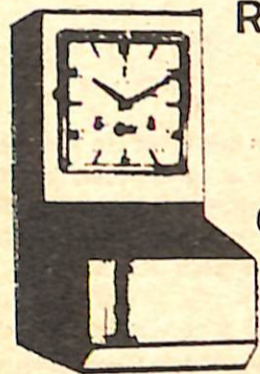
NÃO PRECISAVAM SE INCOMODAR...

Cartões de Natal: Ataliba Euclides V. Júnior; Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Vidros, Cristais, Espelhos, Cerâmicas de Louça e Porcelana de Jundiaí; Associação dos Corretores de Imóveis de Jundiaí; O Casarão; Academia Feminina de Letras e Artes de Jundiaí; Diretoria do Grêmio CP; José Rivelli; Dom Roberto Pinarello Alemida (Bispo Auxiliar de Jundiaí); Escritório Comercial Flávio Buzanelli; Gráfica Horizonte. Alceu Rossi e Família (de Monterrey — México); Ubirajara Chagas e Família (de Monterrey — México); Redação do Jornal de Jundiaí; Regina Dragiça Kalman.

Muito obrigado pessoal: Tomara que recebam em dobro o que nos desejaram.

XEROX
também
é com o
FOTO
ZEZINHO
RUA S. 523 - FONE 6 3795

NOVIDADES/
Charme
CALÇADO:
ROZARIO.626



RELOGIOS DE PONTO ROD-BEL

REVENDEDOR AUTÓRIZADO
COMERCIAL PANIZZA
LTDA

BARAO-427 FONE-6-8231

“QUE A LÍNGUA DE JUNDIAÍ O PERSIGA”

O “Jornal de 2a.” está procurando, entre os consagrados “faladores” desta terra, aqueles que gostam de escrever.

E vai premiar com 5 mil cruzeiros os três melhores “contadores de caso” reais ou imaginários.

Mande seu conto para

O **I CONCURSO DE CONTOS DE JUNDIAÍ**

Uma promoção do “Jornal de 2a.”, feita com o objetivo de incentivar novos valores e estimular a literatura em Jundiaí.

Maiores detalhes pelo telefone 434-8648, ou à Rua Senador Fonseca, 1044.

SAUNA CENTER

Sauna — Ducha completa — Banho de parafina — Forno de Bier — Massagens — Ginásticas — Limpeza de pele — Depilação — Manicure e Pedicure.

HORÁRIOS

Cavalheiros: 2a., 4a. e 6a., das 14 às 22 h

Sábados — das 9 às 22 h.

Senhoras: 3a., 5a., das 14 às 22 h

Rua Marechal Deodoro da Fonseca, 495.

A ASTRA existe para que não existam banheiros mal decorados.

AS TAMPAS PLASTICAS, ARMARIOS DE PENDURAR

E ARMARIOS DE EMBUTIR QUE A ASTRA FABRICA, DECORAM

DISCRETAMENTE O SEU BANHEIRO

ASTRA

Rua Colégio Florence, 59 - tel: 434-6398, 434-6598 e 434-6798.

PROCURA-SE UM FERREIRO

Muitos dos antigos ferreiros mudaram de profissão e os que ainda fazem esse tipo de serviço estão sobrecarregados, pois a procura é grande, principalmente na época das romarias. Sobre isso falam alguns profissionais.



Catharino: "não ferro mais cavalos".

Catharino Gui possui uma ferraria na Vila Progresso e nunca fez outro serviço na vida. Ele tem 54 anos e trabalhava com um irmão, numa ferraria na Zacarias de Góes. Atualmente não faz mais ferraduras, porque, segundo ele, existem poucos cavalos e não dá para manter uma ferraria somente com isso.

Assim mesmo, ele faz carrocerias, carroças e há tempos atrás fazia até charretes, mas o forte mesmo é

a forjaria, onde ele faz todo tipo de forjado. Trabalha para duas firmas: a General Electric e a KSB. Para a primeira, ele faz chavetas para freios de locomotiva, chegando no mês passado a produzir 556. Para a KSB, ele faz braçadeiras para tubos e canos.

Esses trabalhos são constantes, a não ser no mês de janeiro, que as firmas entram em balanço. "Além desses serviços, eu faço avulso trabalhos de olaria, tração animal e forma para tijolos e até

recondicionamento de chassis de canos".

"Existem 5 pessoas trabalhando comigo, pois junto com a ferraria eu tenho também uma carpintaria, por isso preciso de mais gente que me ajude"

"Eu me considero um homem bem pago — disse Catharino — pois o serviço que faço é muito bruto e de uns 10 anos para cá não existe mais mão de obra nesse campo, não tem ninguém para competir comigo".

Antonio Guim era dono de uma ferraria na rua Adolfo Gordo, atual Zacaria de Góes, em sociedade com seu irmão Catharino Gui. O irmão montou uma ferraria na Vila Progresso, mas seu filho não quis continuar com ela, preferindo abrir uma oficina mecânica, isso há 17 anos atrás.

Segundo Antonio, além desse problema, na época não se encontrava gente boa para trabalhar nesse serviço, o que o obrigou a vender a ferraria, apesar de que tinha naquele tempo uma boa freguesia principalmente no período das romarias.



Antonio: "Fui obrigado a vender a ferraria".

Além de ferrar cavalos, ele fazia carroças, carrocerias novas para caminhões e tam-

bém ferramentas de corte para a lavoura, mantendo para isso 4 empregados.

No fundo de um quintal da rua 30 de julho, em época de romaria, chega a formar filas de cavalos para serem ferrados. É nesse lugar que fica a ferraria de Luiz Ricardo, que trabalha nesse ramo há 26 anos. Antes disso, ele era lavrador, e somente deixou a lavoura porque aprendeu a fazer esse serviço e pôde montar uma.

Ele acha que atualmente não existem mais ferreiros, por isso seu serviço tem aumentado sempre. "É difícil achar bons ferreiros em Jundiá — disse Luiz — tenho notícia de apenas três. Eu aprendi com gente muito boa, portanto faço bons trabalhos e tenho muita freguesia".

Antigamente, quando ele trabalhava como ajudante de ferreiro, o serviço não era tanto, ele acha que é porque

existiam bem mais gente que fazia a mesma coisa.

"Eu trabalho das 6 às 11 horas da manhã — disse ele — e à tarde faço mais algumas ferraduras, totalizando 3 a 4 cavalos diariamente. Vem muita gente de fora me procurar, eles são da Várzea, Campo Limpo, Caxambú, de todas essas redondezas e dizem que por lá não existe gente que faça isso"

Quando chega perto das romarias, ele ferra 7, 8 e até 9 cavalos por dia, além dos outros serviços, porque também faz martelo, picareta, talhadeira, coisas desse tipo.

Luiz disse que ferradura não pode ser feita e guardada para depois ser vendida porque cada cavalo tem uma medida certa, que varia de 18 a 36 cm de comprimento, e tem que ser feita na hora. "É a mesma coisa que o nosso pé, o sapato tem que ser sob medida".



Luiz: "é difícil achar bons ferreiros".

Giácomo Venchiarutti, um p

Dia 23 de dezembro de 1976 morreu Giácomo Venchiarutti, um homem cujo nome está ligado a uma série de realizações pioneiras em Jundiá. O "Jornal de 2a.", presta a ele a sua homenagem, registrando fatos ligados à sua vida e depoimentos de pessoas que conviveram com Giácomo Venchiarutti nos 63 anos em que viveu entre nós.

UM "FRENTISTA" DE RENOME

Giácomo Venchiarutti nasceu em Ossoppo, Itália, no ano de 1894. Sua cidade natal esteve no noticiário internacional, quando foi semi-destruída pelos últimos terremotos que atingiram várias regiões italianas. Tinha dezoito anos quando imigrou para a Argentina. No ano seguinte, 1913, veio para o Brasil, para a pequena Rocinha, atualmente a vizinha cidade de Vinhedo. Meses depois mudou-se para Jundiá, onde viveu até a sua morte, aos oitenta e dois anos de idade.

A profissão com que chegou ao Brasil e com a qual ganhou renome era a de "frentista" artesão especialista em fazer ornatos nas fachadas das residências. O conjunto de prédios da Praça Marechal Floriano Peixoto, pertencente à família Borgonovi, o Cine Politeama, hoje fechado, e muitas residências ainda trazem na fachada os ornamentos feitos pelo "frentista" Venchiarutti. A qualidade desses trabalhos valeu a ele o convite para ornamentar casas de importantes famílias do interior, como a dos Junqueira, em Orlândia, e outras em Araraquara.

O GOSTO PELAS ARTES

"Ele era um idealista, uma pessoa que sempre pensava na cidade, um homem sensível". Vasco Antônio Venchiarutti, filho mais velho de Giácomo, arquiteto, duas vezes prefeito da cidade, fala a respeito de seu pai com muita emoção. E conta um detalhe que pouca gente deve lembrar: "Ele fundou um grupo de arte dramática, "Fratelanza Italiana", do qual foi diretor artístico. Faziam parte do grupo o Braun, o Carlos Gelli e outros cujos nomes não me lembro agora. Esse grupo chegou a excursionar pelo interior, tendo representado até em Mococa. O Gelli talvez possa contar coisas interessantes desse tempo".

Nessa época, Giácomo já era projetista-construtor, "o único em Jundiá", esclarece Vasco. E foi nessa profissão que "construiu metade da cidade, ele e seus sócios Morandini, Ovídio Zambon e Pizzocaro. Eram pedreiros desses construtores pessoas que mais tarde vieram a montar seus próprios negócios, sempre no ramo da construção, O Ernesto Pappes, o Antônio Costa, acho que o José Bertolini também. E o Camilo Melloni".

Ainda nessa mesma época, Giácomo montou uma fábrica de ladrilhos e ornamentos na antiga vila Dr. Cavalcanti, em Vila Arens. "Uma



Giácomo: construtor e artista.

fábrica como a que a África mantém, até hoje, na Ponte", esclarece Vasco.

OS PROJETOS E A CONSTRUÇÃO

O Asilo Rio Branco, a fachada da Catedral, a fachada do Politeama, a torre da Igreja da Vila Arens, o Edifício Carderelli, o prédio do Cine Ipiranga, o Asilo Nossa Senhora do Desterro, são algumas das obras construídas pelo projetista-construtor Giácomo Venchiarutti, além de muitas residências até hoje existentes. Mas um detalhe marca a obra de Venchiarutti: a maioria dos cinemas da cidade foram trabalho seu, até porque ele foi, durante muitos anos, sócio da rede de cinemas local: o Ipiranga, o Marabá, o Ideal, o República, o Rio Branco e o Vitória.

"Ele iniciou-se no ramo ligado aos cinemas em 1926, quando construiu o Cine República, na Vila Arens. Nesse tempo, o Dr. Olavo estava construindo o Politeama e pediu ao meu pai que o ajudasse a terminar a construção e a fazer os ornamentos daquele cine-teatro", explica Vasco.

A partir daí, interessou-se por essa atividade, transformando um galpão existente na rua do Rosário, esquina da Praça Ruy Barbosa, no Cine Rio Branco. Mais tarde esse cinema foi adaptado para atender a um tipo de divertimento muito em voga, a patinação sobre rodas. "O Rio Branco ficou sendo apenas rink de patinação. No Ideal, na rua Rangel onde hoje está o Grêmio, funcionavam o cinema e a patinação", conta Vasco Venchiarutti.

Giácomo construiu o Cine Vitória, na Agapeama, reformou um pequeno salão principal transformando-o no Cine Rosário, depois Marabá, construiu o Cine Ipiranga, no edifício pertencente a Arcângelo Rappa. Nessa atividade, contou com os sócios Ovídio Zambon, José Brenna e Írio Borgonovi.

"Quando começou a moda da televisão, surgiram os problemas e foi então que meu pai e os sócios venderam a rede de cinemas para outras pessoas, um grupo de São Paulo, se não me engano", fala Vasco.

"NÃO QUERIA FICAR VELHO"

Tantas obras, tantos fatos ligados à vida da cidade, levaram a reportagem a pedir fotos da época ao entrevistado Vasco Venchiarutti. "Nós ainda não mexemos em nada dele, sua morte ainda é muito recente e todos estamos tristes demais. Mas não acredito que exista muita coisa, não. Ele era um emotivo e não gostava de guardar lembranças. Na verdade, não gostava de recordar coisas que o lembrassem de que estava ficando velho. Era um homem ainda cheio de planos", conclui seu filho.

Giácomo Venchiarutti era casado com D. Antonieta Gáspari Venchiarutti (falecida em 1946) e tinha, além de Vasco, quatro filhos: Leda, também falecida, Vera, Maria Lúza e Alda.



Vasco: ele era um idealista.

s cortinas do antigo cine-teatro Rio Branco, nas proximidades do quartel, estão abertas e a casa lotada. Giácomo Venchiarutti, nessa noite de 20 de setembro de 1923, encarna Sívlio Périco, o herói da unificação da Itália. A colônia da cidade, mais uma vez, mata as saudades da terra distante assistindo à peça falada no idioma pátrio.

É mais uma bem sucedida estréia do Grupo Dramático "Fratelanza Italiana", composto somente por amadores e ligado à Sociedade Beneficente "Fratelanza Italiana". Naquela época, os scripts em italiano eram comprados na Livraria Teixeira, em São Paulo, e por causa da moral da época, as mulheres da cidade não participavam. Para suprir essa falta, eram convidadas profissionais de São Paulo que, depois, recebiam uma gratificação.

Na noite de estréia de "Sívlio Périco", um rapaz, recém-chegado da Itália, participava do grupo pela primeira vez. Era o jundiense Américo Braun, que esteve na Europa durante 12 anos. Seu irmão José, que já estava no Brasil e que fôra profissional em seu país, já fazia parte do grupo e dado à sua experiência era responsável pelos ensaios.

Mas o "debut" do rapaz não foi completamente feliz. Ao entrar em cena, deu uma parada para não derrubar o alto chapéu de gendarme que usava. Logo atrás vinha outro ator e o choque entre os dois foi inevitável, assim como as risadas da platéia.

VIRTUDES

Assim foi um dos primeiros contatos que Américo teve com Giácomo Venchiarutti, de quem guarda um profundo respeito: "ele era dono de uma grande virtude: procurou incentivar a cultura teatral em Jundiá". Essa reverência é compartilhada por outro companheiro de palco que, por coincidência, também estivera na

As muitas

Europa por longo tempo, o comerciante Carlos Gelli:

— Giácomo é um dos poucos homens de Jundiá que merece agradecimentos. Ele era considerado, pelo menos para mim, como um pai, o centro de todas as atividades. Era um homem eminente de sua época, mantinha relações com as pessoas mais importantes da cidade, tinha caráter digno, sóbrio, amigo. E por que não falar que era até altruísta? Era de uma correção em que não se podia admitir qualquer deslize.

Ele representou, na época, um papel muito mais importante que aqueles do palco: era um dos maiores incentivadores das artes cênicas. E para uma cidade do interior, como Jundiá, ter um grupo de nível que o seu era bastante significativo, principalmente porque era o divertimento da moda e falado em italiano, idioma natal da maior colônia radicada na cidade, motivo do exaustivo preparo de seus integrantes.

BOM ATOR

Tanto para o alegre Américo — agora com 74 anos — como para o sisudo Gelli — 72 anos — o velho construtor sempre teve grandes virtudes, menos a de ser ótimo ator. No máximo, era muito competente com os papéis que lhe cabiam.

— Giácomo era excelente amador — conta Américo — mas não chegava a ter a categoria de um profissional.

— Ele não era muito brilhante, de espírito amalucado — diz Gelli — não fazia muitos papéis principais, mas também merecia mais que papéis secundários. Ficava muito bem ao lado do principal.

Assim o Grupo Dramático conseguiu entreter os jundienses durante alguns anos, chegando até a excursionar para a cidade de Mococa, onde apresentou duas peças. Para Gelli, elas não chegaram a ser um grande

Írio: sócios nos

Braun: Giácomo e

sucesso porq
lá não era mu
que dificultou
compreensão.

OGRU
SEDES
Mas, algu

Pouco da história de Jundiáí.

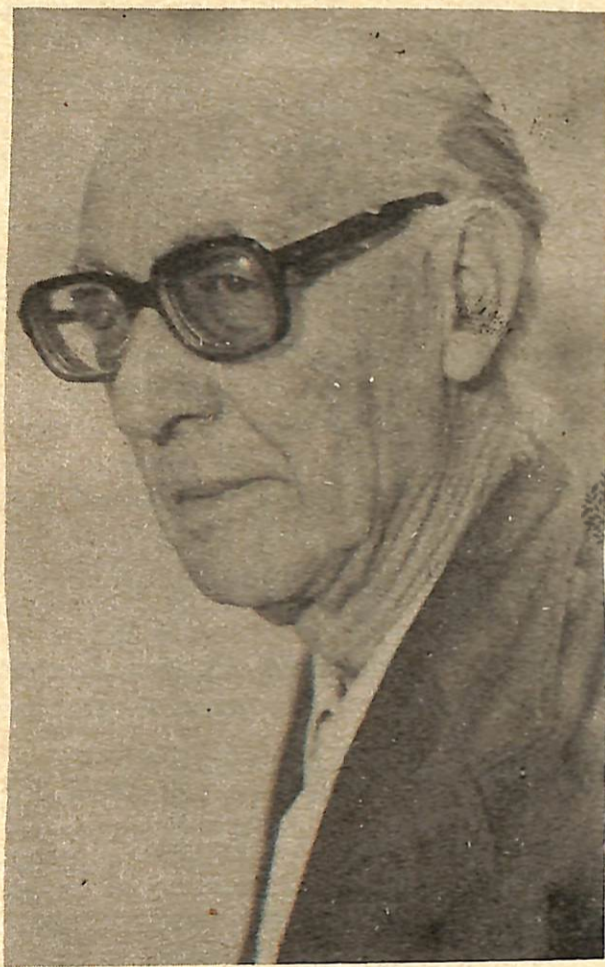


Na fila de trás, Giacomo é o segundo, a partir da esq.

As cenas vividas pelo construtor.



cinemas...



Gelli: ele não era muito brilhante.



era excelente amador.

ue a colônia de
muito grande, o
ou muito na

GRUPO
DESFAZ
alguns aconteci-

mentos começaram por dis-
solver o grupo, como conta
Américo: "depois que Giáco-
mo ficou empresário, a So-
ciedade Fratelanza Italiana
mudou seus estatutos. mor-
reram parentes Então, ele se

afastou definitivamente, mas
continuou dando seu apoio".

Para Gelli, "o grupo
morreu de inanição", em
consequência da situação crí-

tica da época que atingia a
todos, além da própria inte-
gração dos italianos na nova
terra, o que não permitiu sua
ressurreição:

— As crises de 28, 30,
vieram atrapalhar a paz. Tudo
isso fez cair a iniciativa ar-
tística. A convulsão daquele
tempo vinha desde 1924. Do
Grupo Dramático ficou a ami-
zade, a saudade, mas não para
recomeçar. Devagarzinho ia
desaparecendo a vontade de
ouvir a voz viva do idioma
natal e dos costumes.

Apesar de ter participa-
do já no final da existência
do Grupo, Gelli reconhece
muito o valor daquele grupo
de homens que fazia teatro.
De educação européia, adqui-
rida em Roma, Florença e,
principalmentê, Gênova, ele
voltou ao Brasil antes de
entrar na Faculdade de Ele-
tro Mecânica, apesar de sua
mãe ter dito que ele deveria,
no mínimo, retornar para
ser presidente da República.
Mas isso é outra história que
ele ("corta isso que eu não
sou nada para falar de mim")
prefere esconder sob sua mo-
déstia.

Ao contrário dele, Amé-
rico continuou nos palcos.
Juntamente com seu irmão
José e os amigos Antonio
Grassi e Américo Piola, fun-
dou o Grupo Dramático São
João, ligado ao clube que lhe
emprestou o nome. Grande
apreciador de música lírica —
"naquele tempo, eu tinha um
bom fôlego para uma tijola-
da", comentou com humor —
Braun e o novo grupo perma-
neceram em cena por cerca
de 20 anos. Nesse período,
chegou a atuar como padre
no filme "A Lei do Mais
Forte", rodado parcialmen-
te em Jundiáí.

Giácomo, depois de
sua atuação no Grupo Dramá-
tico, transferiu-se para o ou-
tro lado da ribalta. Como era
construtor, fez o Cine-Teatro
República, na Vila Arens, e
acabou sendo seu concessio-
nário. Seus concorrentes, na
época, eram o Politeama,
Ideal e Rio Branco. Aos
poucos, tomou conta de to-
dos eles.

PROBLEMAS

Por volta de 1950, a
família Rappa resolveu cons-
truir o prédio do cine Ipi-
ranga, na rua Barão. Orien-
tando seu filho Vasco, que se
incumbiu da construção, Giá-
como completou mais uma
obra. Depois, associou-se a
Írio Borgonovi, José Brena,
Ovídio Zambon e Inêz Laz-
zati para explorar o cinema.

A inauguração foi no
dia 14 de novembro de 1952.
O cine Ipiranga era um dos
mais luxuosos de todo o in-
terior, com suas poltronas
estofadas e cortinado de ve-
ludo. O cuidado com a pro-
gramação era uma das carac-
terísticas de Giácomo:

— Nós procuramos —
conta Írio — uma program-
ação que agradasse o públi-
co, de acordo com os nossos
recursos. Na época, tínhamos
a concorrência dos outros
cinemas. Com o tempo, fo-
mos privilegiados com a con-
cessão do Marabá, que era
bem pequeno (depois foi
ampliado, de 300 passou a
1.100 lugares). Depois, fica-
mos ainda com o Politeama
e o República.

NASCE O IPIRANGA

— Giácomo sempre ze-
lou com critério e escrúpulos
com relação aos filmes de se-
xo — continua Írio — mas nós
tocamos nosso negócio duran-
te 15 anos. No começo ren-
dia, mas nos últimos tempos
não. Havia dificuldades na
programação, muitas exigên-
cias das distribuidoras. Em
consequência disso, acabamos
por dissolver a sociedade e en-
tregando a concessão.

Além desses problemas,
uma ocasião tiveram que en-
frentar a campanha que várias
pessoas moveram contra a
exibição do filme "O Estran-
ho Caso de Christine Kel-
ler". Achavam que a fita não
era recomendável e telefona-
vam para Giácomo dizendo
que não deveria passá-lo.

Isto aconteceu até às
16 horas do dia da estréia.
quando Írio sugeriu que a
misteriosa voz no telefone
chamasse todas as forças

vivas da cidade para verem
o filme em sessão especial.
Compareceram os vigários, ve-
readores e até senhoras. A
cena mais forte, segundo o
que essa selecionada platéia
achou, era a em que aparecia
um baterista dopado, de res-
to, não tinha nada demais,
conforme contou Írio. Mas,
para não deixar passar em
brancas nuvens, sugeriram que
fosse pedido ao juiz que es-
tendesse a censura até 21
anos, e não 18, como havia
determinado a Censura Fede-
ral. "No final de tudo, essa
movimentação acabou agu-
çando a curiosidade do públi-
co, servindo de propaganda",
falou Írio, divertido.

Assistir a um filme, há
alguns anos, exigia o preparo
de se ir a uma festa. A grava-
ta e o paletó era obrigató-
rios, se bem que os cinemas
tinham algumas gravatas para
ceder aos frequentadores que
tivessem esquecido. Írio jus-
tificou:

— Não dava para al-
guém ir ao cinema de terno
de linho branco e se sentar
na mesma poltrona em que
esteve um operário de maca-
ção. Mas, os tempos muda-
ram e começaram a abolir a
gravata. Depois, com a che-
gada do verão, acabou o pa-
letó.

Giácomo não se limi-
tou apenas a ser empresário
de cinema. Ele ajudou a pro-
duzir o filme "O Cavaleiro
da Serra", feito pelo carta-
zista João Anísio, cola-
borou com Mazzia para tam-
bém fazer filmes, o que não
chegou a acontecer.

Giácomo fez mais: quan-
do empresário, trouxe compa-
nhias de revista e operetas
para Jundiáí. Distante dos
palcos apenas no final de sua
vida, ele tinha muito mais
histórias para contar, o que
seus amigos não puderam fa-
zer. Mais de meio século em-
baçaram bastante a memó-
ria daqueles que conviveram
com o velho construtor, até
que todas as cortinas se
fecharam definitivamente pa-
ra ele.

Carlos Kazuo Inoue

COLÉGIO TÉCNICO: ALGUÉM PENSOU NOS ALUNOS?

O Colégio Técnico voltou às manchetes. Na semana passada, os 60 professores que foram demitidos, entraram em assembléia permanente para, como dizem, "defender seus direitos". Decidiram entrar com uma ação coletiva na Justiça do Trabalho pedindo indenização e o pagamento dos três meses de férias escolares.

Decidiram também ir até o diretor da escola, a quem levaram um documento de inscrição coletiva para o concurso de seleção de professores, aberto através de um edital publicado há pouco tempo pela direção da Escola.

A inscrição foi aceita, mas individualmente, e o diretor da escola prof. João Augusto de Oliveira, deu a entender que os ex-professores não terão nenhum privilégio no concurso de seleção.

OS FATOS

Em outubro do ano passado, quando correu a informação, dada por um assessor da Secretaria da Educação, de que a verba para o colégio seria congelada em 6,7 milhões para o ano de 1977 (o que significaria, levando-se em conta o índice inflacionário, um corte de verbas de aproximadamente 40%) a direção do Colégio e o seu Conselho decidiram tomar uma série de provi-

dências para a diminuição das despesas. Uma delas, foi a da demissão dos professores, que recebiam por uma única escala salarial, para tornar possível uma reestruturação do sistema de pagamento, de maneira a levar em conta uma série de fatores, entre os quais a própria lei da oferta e da procura no mercado de trabalho. Até aquela época, professores de matérias técnicas e altamente especializadas, como por exemplo hidráulica, recebiam salários e vantagens iguais aos professores de matérias menos especializadas, e conseqüentemente menos valorizadas no mercado de trabalho. A direção e o conselho do Colégio Técnico, decidiram publicar um edital, abrindo concurso para admitir professores dentro do novo sistema de pagamento. Os candidatos teriam que preencher uma série de requisitos, apresentar uma série de documentos e deveriam submeter-se a uma banca examinadora formada por professores de São Paulo.

E os 60 professores demitidos resolveram inscrever-se para o concurso: e terão que enfrentar tantos candidatos quantos se apresentarem (até quinta-feira, falava-se em 100 inscritos, além dos 60 ex-professores), em igualdade de condições, sem nenhum privilégio por já terem trabalhado lá.

Isso revoltou os professores, que consideraram humilhante o fato de terem de passar por "um teste de competência", como disse um deles, Carlos de Almeida, revoltado pelo fato de "professores com mais de 10 anos de casa terem de se sujeitar a serem entrevistados por não se sabe quem".

Por sua vez, o professor João Augusto de Oliveira, diretor do Colégio, que atribui a demissão em massa à "falta de verbas", acha o concurso de seleção justo:

— Acredito que abrindo a inscrição para todos os professores estamos fazendo a coisa da forma mais democrática possível. Os candidatos serão selecionados mediante uma entrevista pessoal feita por professores de fora da cidade e mediante o currículo de cada um. Todos disputarão em pé de igualdade".

O MAL ENTENDIDO

Na verdade, no meio da questão houve um mal entendido, provocado pelo tal assessor da Secretaria da Educação: a verba não seria bem de 6,7 milhões de cruzeiros, mas de 9 milhões e tanto. Possivelmente a direção do colégio tivesse mantido o status quo se tivesse recebido essa notícia antes do fato consumado: os avisos prévios dos professores demitidos

já estavam entregues.

O que os professores querem agora — reintegração pura e simples, como se nada tivesse acontecido, — é impossível, por que o edital do concurso já foi publicado e as inscrições já estão abertas.

E se a decisão adotada pela direção e o conselho do Colégio, sob pressão das desinformações e das contra-marchas provocadas pela própria Secretaria da Educação, não foi das mais eficazes, não deixa de ser verdade que a posição dos professores, louvando-se de fazer parte "de um corpo de pessoas sobre as quais cai a responsabilidade de assegurar as melhores condições de ensino aos alunos presentes e futuros" pode parecer também uma mera defesa de interesse contrariados.

O que deve ser colocado em discussão, na verdade, e parece que ninguém acenou ainda com isso, não são os interesses da direção da Escola, as manobras da Secretaria da Educação, ou a compreensível mágoa dos professores que perderam o cargo. O que se deveria discutir — e não parece que haja muita gente disposta a fazê-lo — é a única coisa que realmente tem importância na ordem das coisas: o que é melhor para os 1.194 alunos do Colégio Técnico. Alguém se lembrou deles?

POR ACASO, NASCEU UM PRESEPISTA

Como vem acontecendo há trinta e oito anos, mais uma vez, ficou para Sérgio Scarazzato o encargo de montar o presépio da Catedral. Sérgio tem cinquenta e cinco anos e diz que foi por acaso que começou a montar presépios:

"Sempre estava pela igreja. A curiosidade sempre me atraía, ficava vendo ou ajudando um pouco. Até que o responsável naquela época, Francisco Leoni, me convidou para lidar com a montagem. Isso lá por mil novecentos e trinta e oito.

Sérgio é casado e diz que três de seus quatro filhos o ajudam desde pequenos na realização do presépio. Atualmente está aposentado, foi ferroviário durante trinta e quatro anos. Sua filha trabalha como representante da Persianas Columbia, anotando pedidos, ele a ajuda na montagem e reformas de persianas, box para banheiros, etc. O motivo básico que o levou a fazer

presépios foi, segundo ele, por amor e fé a Deus, não ganha dinheiro com isso. Foi trabalhando poucas horas, durante vinte dias que Sérgio montou o presépio deste ano, ele dá alguns detalhes de seu presépio:

— "Adquiridas em lojas de artigos religiosos, existem quarenta imagens neste presépio. Possui um tamanho de sete metros de comprimento, por três de largura. Quando foi planejado, Frei Clemente da Costa Neves e eu concluímos que ele deveria possuir algo que chamasse a atenção das crianças, porque elas são as

mais interessadas. Partindo deste ponto, foi instalada uma rede elétrica que possibilita uma variação de cores ambientais com lâmpadas específicas. Frei Clemente comprou uma bomba d'água que abastece uma pequena fonte. O engenheiro Vandemir Franciscone deu sua colaboração com uma engrenagem, que faz com que imagens nela colocadas, entrem em um túnel. Pintei panos para forrar as paredes, na última hora não foram suficientes e tive que terminar a decoração com papéis do mesmo desenho, em que foram gastos mil e oito-

centos percevejos. Eu sou muito grato a todos que colaboraram, sem eles seria muito difícil o aprimoramento deste presépio. O artista João Muraro pintou o fundo da parede, com imagens sagradas, inclusive é ele quem está retocando toda a pintura da igreja. A indústria "Andrade Latorre" nos cedeu vinte e cinco quilos de cerra-gem que foram espalhados por toda a extensão do presépio.

Ele ainda conta que foram acontecendo vários fatos curiosos em longo desses trinta e oito anos, a igreja foi assaltada por

duas vezes e em outra circunstância, o presépio quase não sai:

— Certa vez fomos montar o presépio: Antonio Franchi, meu cunhado e eu. Quando fomos pegar as tábuas que ficam na torre, elas já tinham sido usadas em outras coisas. Procuramos então algo que pudesse servir para fazer o cavalete. Quando finalmente estávamos montando a estrutura, Antônio saltou dentro do tablado e quebrou tudo. Faltavam seis dias para a inauguração e nós só trabalhávamos à noite em vista de outras ocupações diárias. Então o sr. Franchi conseguiu nas oficinas da Paulista os cavaletes novos em dois dias".

O presépio ficará até o dia vinte em exposição para aqueles que ainda não viram. Ele está situado na última sala da igreja da matriz no centro da cidade. As pessoas podem vê-lo em qualquer período, da manhã, à tarde e à noite.



Na Catedral, o presépio com efeitos especiais.



Sérgio: amor é fé em Deus.

DÉCIO, O HOMEM DA CAPA

A capa deste **Jornal de 2a.**, que mostra o sr. Giacomo Venchiarutti e sua obra, é a 54.a capa de Décio Denardi. E é a 2a. capa que ele faz como publicitário profissional, formado pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

Mas o diploma não aumentou e nem diminuiu a arte desse jundiaense de 25 anos, que desde os 10 rabisca, rabisca e rabisca montanhas e papel, desenvolvendo o talento à procura de uma forma de expressar melhor o que sente.

“Pode crer: vou morrer doido”.

Décio é um tipo magro e inquieto. O doido que ele diz, é de vontade de fazer, criar melhor, aprimorar-se. Quando ele viajava de ônibus entre Jundiaí e Campinas para assistir aula, aproveitava o tempo de estrada para quê? Para estudar? Nada. Ele ia desenhando, criando personagens. Aí nasceram e morreram muitas fases, muitas experiências, muitos personagens. Bóris, o cachorro, Gil e Zuleika, as formigas, Leo Fante, o elefante.

— Eu entrava no ônibus e dizia a mim mesmo: vou desenhar cinco tiras das formigas. E desenhava as cinco. Se em vez de cinco eu me obrigasse a desenhar dez, eu desenharia dez. Desenhava feito doido.

Depois ele chegava em casa e guardava tudo numa pasta. Ia guardando. É um tipo de talento meio explosivo. Não consegue guardar planos na cabeça. Ele prefere revertê-los ao papel. Nem que seja só para satisfação pessoal.

Ele explica que é um tipo de tensão que ele precisa descarregar. Depois que começou a trabalhar regularmente para o **Jornal de 2a.**, ficou um pouco mais tranquilo. Menos tenso. Seus desenhos estão em quase todas as páginas, ilustrando a capa, os colunistas, e ele tem uma seção só dele, o Intervalo, onde fica à vontade para dizer o que sente, através de seu traço irônico.

A função de um cartunista, pensa Décio, é de fazer as pessoas pensarem, abordando a realidade de uma forma crítica. Às vezes alguém vem e pergunta: “o que você quis dizer com esse desenho?”. Dependendo da pessoa, ele fica até satisfeito que o desenho não seja entendido à primeira vista. É isso mesmo que ele quer: que a pessoa seja impelida a pensar.

Ser explícito demais, óbvio demais, colocando legendas nos desenhos ou deixando as situações mais claras, seria avacalhar a função do cartum.

Mas existe também outro Décio, que por obrigação profissional precisa ser explícito, claro e óbvio: é o Décio publicitário, aquele que faz, por exemplo, os anúncios do Luchini. Que programa uma campanha publicitária, que faz textos, que programa visualmente um anúncio comercial. Como é que convivem esses dois Décios?

— Aparentemente eu sei que isso é uma contradição. Inclusive, em alguns dos meus cartuns eu critico a televisão, que é o maior veiculador da publicidade. Mas são duas coisas distintas, dois trabalhos diferentes, e eu gosto igualmente dos dois. Só tem uma coisa: eu não gostaria de trabalhar numa agência de publicidade, debruçado em cima de uma prancheta, executando e dando forma às idéias dos outros. Gosto eu mesmo de planejar, resolver, criar, fazer.

Décio agora está pensando em montar não uma agência de publicidade, que ele acha a palavra meio assustadora, mas digamos assim, um estúdio de publicidade, onde possa ter liberdade em cima da sua prancheta.

— A faculdade ajudou nisto: serviu para que eu tivesse uma noção dos vários setores da publicidade. Então sei fazer um texto, programar uma campanha, etc. De resto, não posso dizer que o nível de ensino seja muito entusiasmante. Ninguém sai publicitário de uma escola

de publicidade, assim como ninguém sai jornalista de uma escola de jornalismo. As pessoas já entram com a vocação, e saem apenas com o diploma. Os que não sabiam antes de entrar, sairão da mesma maneira: sem saber.

Décio já foi revisor do JJ, o **Jornal de Jundiaí** e começou a ilustrar um jornal chamado **Roteiro**, da Rodoviária de Campinas. Um belo dia cismou de enfiar um cartum dentro de um envelope e mandar para o Pasquim. Era um pintor criando uma bela mulher nua numa parede. No quadrinho seguinte, ele abraçava a mulher e saía com ela. Alguns dias depois-surpresa — lá estava o cartum em meia página de Pasquim.

— Foi um bom alento, reconhece Décio.

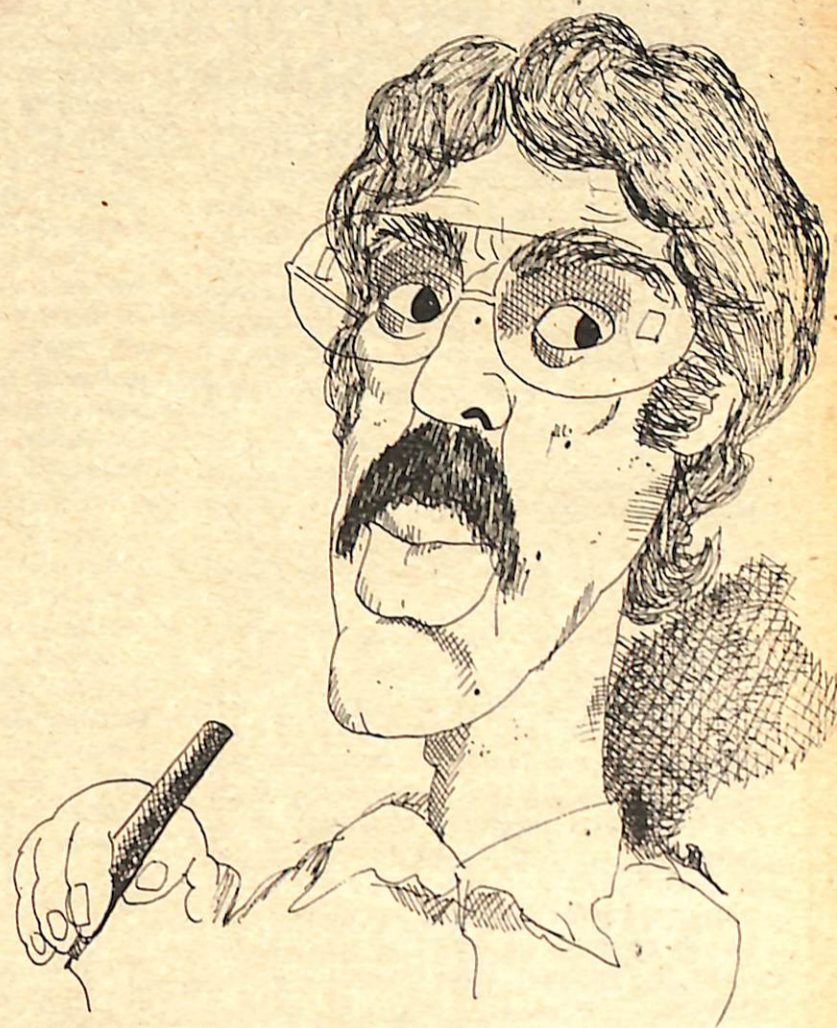
Depois ajudou a ilustrar um jornal de Itatiba, teve cartuns publicados no **Ex**, no **Mais Um**, na **Ovelha Negra**, e foi diretor de arte do jornal **Comunicações** de sua escola em Campinas.

O artista inquieto que é prova-se não apenas através dos desenhos, mas também de esculturas. Sim, também já fez esculturas em cera, “e não se pode dizer que tenham saído de todo mal”. Pintou uma tela, uma vez, e se não fosse a travessura de sua irmãzinha, que passou os dedos em cima da tinta fresca, talvez ele pudesse ser também um pintor. Sem falar no auto-retrato que fez uma vez usando os tipos de máquinas de escrever. Um retrato feito a máquina.

Muitas das coisas que fez, foi obrigado a jogar fora, exatamente por causa disso: eram muitas.

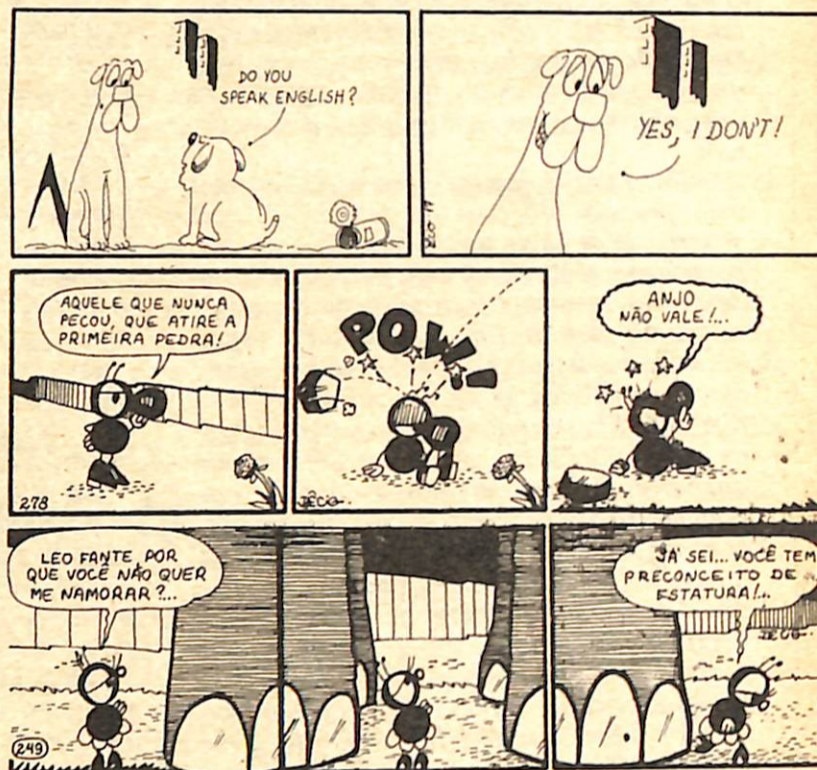
Uma das obsessões de Décio, embora sofra, como qualquer artista, das influências de outros estilos e outros traços, é a de jamais copiar. Por isso, embora ele folheie, naturalmente, a literatura sobre propaganda, procura não deter-se muito nas obras dos outros para não sofrer influência, mesmo que seja inconscientemente. E o mesmo acontece com relação aos cartuns, onde ela aprecia muito Luis Gê, Alcy, Zélio, Edgard Vasques, Geandré, Racy, Jaguar, mas sem nunca deixar de ser Décio. Foi assim que ele ganhou uma menção honrosa no I Salão de Humor de Sorocaba e participou duas vezes do Salão Internacional de Humor de Piracicaba.

Seus planos, agora, além de montar seu estúdio, incluem um curso de comunicação visual da FAAP, “mas isso para o ano que vem”, e um passo muito importante que ele não gosta muito de espalhar, mas que deve acontecer aí por volta de maio: o casamento.

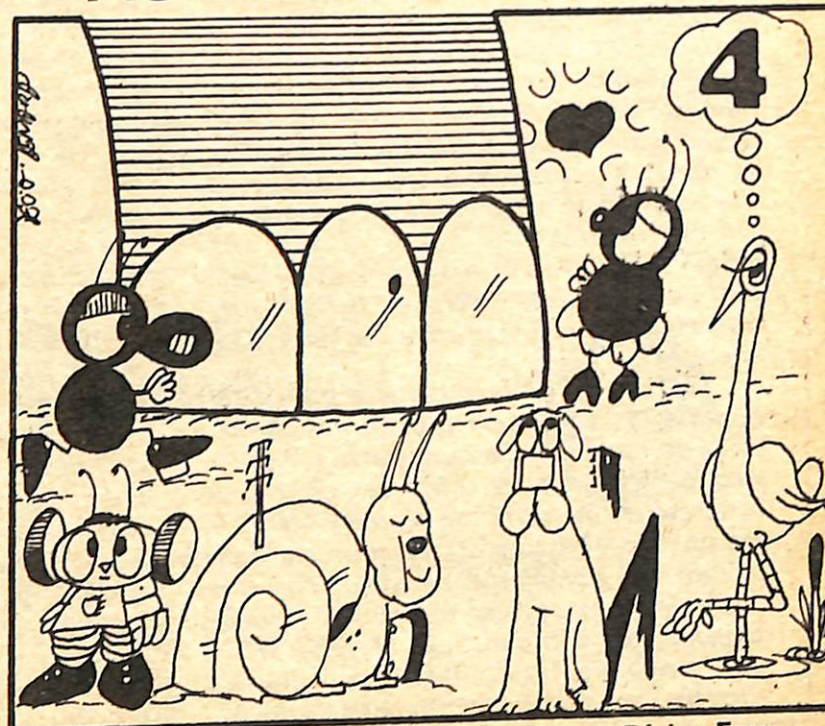


Décio, pelo próprio.

AS TIRAS



AS PERSONAGENS



Gil, Leo Fante, Zuleika, Omar Ciano, Caraco, Bóris e Ema.



Décio: vou morrer doido.



C. cinema fascista italiano

Scipione Il Africano, de Carmine Galone, com Annibale Ninchi, Camillo Pilotto e Isa Miranda. Itália, 1936.

A oportunidade de ver um filme italiano do período fascista é rara, mesmo em uma cidade que, como Paris, parece extremamente dedicada ao consumo cinematográfico. No caso do ciclo organizado durante o Festival de Paris, tratavam-se de filmes que dificilmente podem ser vistos fora da Cinemateca de Roma, à qual pertencem as únicas cópias disponíveis.

De todos eles — produzidos nos estúdios de Cinecittá sob a supervisão direta de Vittorio Mussolini, o filho de Duce — o mais significativo é sem dúvida "Scipione, il Africano", superprodução vencedora da Coppa Mussolini, de 1937, portanto um filme aprovado integralmente pelo regime. É verdade, que essa aprovação não se passava de motivos políticos, ou seja, tratava-se de um filme para justificar a invasão da Abissínia pelo exército italiano, mas também é justo dizer que neste filme os chefes do cinema fascista depositaram suas melhores esperanças artísticas, sejam ao chamar para diretor o veterano Gallone, seja ao convocar um elenco dos mais prestigiados na época, seja mesmo pelo fato de empregar na realização do filme milhares de figurantes, arrebanhados junto ao exército.

Visto quarenta anos depois de sua realização, no entanto, tudo que "Scipione" consegue é causar uma triste impressão do sistema fascista, e talvez fosse mesmo o caso de dizer à luz das idéias tão ligeiras veiculadas pelo filme que a vitória do eixo nazifascista na II Guerra se afigurava impossível. De qualquer modo, seria uma idéia fácil de alimentar, quando se está sentado em uma poltrona e os acontecimentos já se deram.

Um filme é sempre uma idéia coletiva; pelo próprio processo de fabricação, pela própria necessidade de ser vendido a um grupo relativamente amplo de pessoas, ele tende a veicular maneiras como uma sociedade se vê. No caso de filmes produzidos diretamente pelo Estado, essa idéia não se altera, mas se simplifica, pode ser entendida em linha reta. Ela se aplica por exemplo ao grande cinema soviético dos anos 20 tão bem quanto aos filmes italianos dos anos 30: embora ambas as produções fossem diretamente controladas pelo Estado, do lado soviético é possível ver-se toda uma geração de cineastas debruçarem-se sobre os problemas específicos do cinema, à procura de formas capazes de introduzir novas idéias. No caso de Gallone, nota-se exatamente o oposto: apesar dos recursos colocados à sua disposição e de um inegável domínio artesanal do cinema, a mise-en-scene é perfeitamente pesada e acadêmica, sem que por isso possa-se culpar o realizador. A partir do argumento, que em linhas gerais reconta a história do enfrentamento entre os exércitos de Scipião e de Aníbal durante as Guerras Púnicas, trabalhando-se em um repertório de idéias tão convencional quanto reduzido. De um lado, os romanos encarnam todas as virtudes da civilização, mas sobretudo um saudável sentimento expansionista e um incurável otimismo quanto a seu futuro, enquanto resta para os cartagineses a parte de barbárie, truculência e ignorância própria dos nossos inimigos.

De tudo isso, o menos que se pode dizer é que tanta saúde tem pelo menos alguma coisa de estranho, qualquer coisa que se recusa a entrar em jogo. Isto se reflete com certa clareza no estilo de representação dos atores, ora obrigados a trabalhar com um diálogo tão grandiloquente como banal, ora chamados a interpretar um mundo completamente de contradições. O resultado é um pouco óbvio: do ponto de vista das imagens, os atores tendem para o que os

franceses chamariam de "figé", isto é, uma espécie de imobilidade expressiva que os impossibilita de dar a ver qualquer espécie de matiz; do ponto de vista da fala, a tendência é para um tom permanentemente embargado com o qual procura-se compensar a obviedade do diálogo.

Assim, em um dado momento, "Scipione" vale-se de uma montagem paralela que caracteriza bem suas intenções. Pouco antes da batalha decisiva, Aníbal e Scipião dirigem-se a seus soldados. Aníbal lembra aos seus os valiosos tesouros que terão em caso de vitória, enquanto Scipião convoca os seus a marchar "avanti, per la patria".

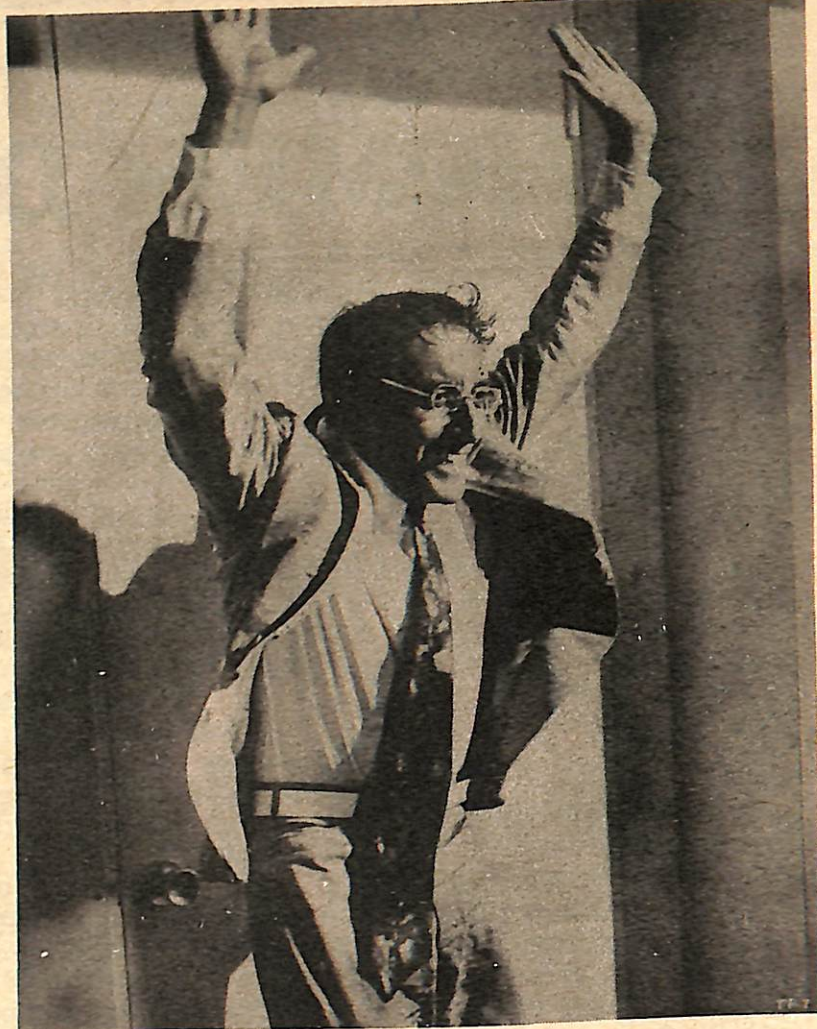
Este pequeno exemplo não procura desmerecer os esforços fascistas em veicular seus valores. De um certo modo, todas as cinematografias tendem a isso, no entanto em certos países a diferença é visível. O cinema americano dos anos 30 é um caso típico: quantos filmes nós pudemos assistir onde a matança de índios passava por um fato perfeitamente normal. A América dessa época foi perfeitamente otimista, pelo menos quando vista por seus filmes: não se punha grandes dúvidas a respeito de si mesma, de seus rumos, de seu modo de vida. E no entanto de "Scarface" a "Stagecoach" nos legou uma série de filmes cuja classicidade vem pelo menos em parte do sentimento de que ao exporem uma idéia de ordem, maneiras de ser do amor, formas de relacionamento com a lei ou com os obstáculos procurava-se explorar integralmente um universo de idéias.

Diante do cinema fascista, ao contrário, o espectador dos anos 70 sente muito mais o universo de idéias que circulavam na Itália dos anos 30 ser reduzido e escamoteado tanto quanto possível em função da sobrevivência de um regime e de um duce. Isso pode esclarecer um pouco a composição de Annibale Ninchi como um Scipião menos preocupado com a guerra do que as boas intenções, totalmente desapegado dos pequenos objetivos imediatos e movido exclusivamente por idéias abstratas. Ou a composição de Isa Miranda com a heroína raptada pelos cartagineses e que nem por isso deixa de raciocinar por apenas um segundo em termos dos grandes temas humano-patriótico-metafísicos.

Em outras palavras, o cinema fascista não se permitia apenas pensar, mas obrigava-se a apregoar os sinais de que pensava. Talvez por isso certos planos do filme, compostos com talento e dedicação, pareçam-nos paradoxalmente ociosos: são momentos em geral suntuosos, onde Gallone serve-se de composições nitidamente inspiradas por Eisenstein, mas onde ao contrário deste percebe-se uma noção claramente essencialista do cinema como instrumento através do qual se comunicam idéias (para Eisenstein não é que cada plano contivesse uma idéia, mas a sequência de planos, sua articulação é que resultavam numa idéia que se servia das imagens e não se passava delas, mas não se encontrava na sua literalidade).

Este rápido artigo, talvez confuso, não serve na verdade senão a introduzir certos problemas sugeridos por um filme que de qualquer modo permanecerá inédito para quase todos os espectadores. Talvez reste nele um interesse adicional, ou seja, que estes problemas não se referem especificamente ao cinema fascista, mas ao cinema em geral e a relação entre o produto e o consumidor. Porque, se aqui não foi tocada a complicada questão do inverossímil, embora todo o tempo se deixe entender que o cinema fascista é primeiro de tudo inverossímil para o espectador atual, não custa lembrar que "Scipione" como diversos outros filmes da época, constituíram um inegável êxito de público na Itália dos anos 30.

Inácio Araujo (de Paris, via Varig)



Peter Sellers, no melhor filme da semana.

TRAPALHÕES, MACACOS E GRILOS: ESCOLHA SEU FILME.

Uma semana típica para a meninada em férias, nos cinemas de Jundiá: dos cinco filmes anunciados, quatro são comédias — dois deles pornochanchadas. Há pelo menos dois recomendáveis: "Um Convidado Bem Atrapalhado" e "Quando o Sexo é Pecado". Escolha:

Um Convidado Bem Atrapalhado — Não confundir com "Um Assaltante Bem Atrapalhado", de Woody Allen. Este — "Um Convidado" — é uma das grandes criações cômicas de Peter Sellers. Um desastrado e tímido ator de cinema indiano que, com a inocência de um personagem de Jacques Tati, estabelece o caos na recepção oferecida por um grande produtor de Hollywood. De Blake Edwards, com Peter Sellers e Claudine Longet. De 10 a 12, no Marabá.

O Trapalhão no Planalto dos Macacos — Com Renato Aragão, Dedé Santana e Mussum. Os três embarcam por engano num balão que os leva ao planalto dos macacos. Direção: J.B. Tanko. Exibido simultaneamente com São Paulo, que é para mostrar que o progresso continua explodindo de minuto a mi-

nuto nesta cidade. De 13 a 16, no Marabá.

Quando o Sexo é Pecado — De Alberto Lattuada ("Venha Tomar um Café Conosco"), com Luigi Proetti, Irene Papas, Teresa Ann Savoy e Bruno Cirino. Um negociante inescrupuloso empenhado numa grande especulação turística-imobiliária explora seu relacionamento com uma lolita retardada mental, de nobre família italiana. Para quem acompanha a carreira de Lattuada, este é um programa obrigatório. O cineasta, como de costume se mostra impiedoso com certo tipo de comportamento de seus compatriotas e sabe aliar comédia, drama e erotismo. De 9 a 13, no Ipiranga.

Com um Grilo na Cama — Comédia com Monique Lafond, Dilma Lóes e Navarro Puppim. Dias 14 e 15, no Ipiranga.

O Estranho Vício do Doutor Cornélio — Outra comédia nacional. Um homem maduro e rico resolve casar-se com modelo vinte e nove anos mais nova que ele. Com Alcione Mazzeo, Paulo Fortes, Stan Cooper e — vejam só — Pedro de Lara. A partir do dia 16, no Ipiranga.

LEIA E ASSINE

O JORNAL DE 2ª

fone:434-8648

Jornal do Livro

Criada com a pretensão de apresentar o quadro atual do humorismo no Brasil, a "Antologia Brasileira de Humor", reúne 82 dos nomes mais famosos atualmente em atividade, com trabalhos variados na imprensa — seja em cartuns, quadrinhos ou texto.

Muitos nomes importantes foram esquecidos nesses dois volumes à venda, mas já há um terceiro volume em preparo, para preencher as lacunas. Nestes dois volumes lançados pela L & PM Editores, você tem, entre outros, o humor de Juarez Machado, Ziraldo, Claudius, Millôr, Novaes, Veríssimo, Jaguar e Henfil, além de trabalhos de novos autores. "A Antologia Brasileira de Humor", volumes 1 e 2, pode ser comprada pelo Reembolso Postal, ao preço de Cr\$ 120,00. Endereço: L & PM Editores, rua Riachuelo, 904, Porto Alegre, 90.000, Rio Grande do Sul.

OUTROS LANÇAMENTOS

O Mistério de Orcival De Émile Gaboriau. Autor inédito no País, o francês Émile Gaboriau (1823-1873) foi o criador do romance policial. Precedeu-o, nas histórias de aventura e mistério, o genial Edgar Allan Poe. Gaboriau tornou-se popular em 1866, ano em que "L'Affaire Lerouge", o primeiro romance policial, foi publicado em forma de folhetim, em dois jornais da imprensa popular parisiense. Lançamento da Nova Fronteira, 259 páginas.

Entrevista com o Vampiro — De Anne Rice, tradução de Clarice Lispector. Na "entrevista", o personagem descreve duzentos anos de sua vida; conta como foi mordido e recrutado na juventude, como amou e odiou seu vampiro-mestre, como fabricou uma discípula na pessoa de uma menina de cinco anos (que fica nessa idade eternamente: os vampiros não envelhecem e, logicamente não crescem), como procurou companheiros de maldição por toda a Europa, para encontrá-los, não na Transilvânia, mas em Paris. Boa leitura. Artenova. 309 páginas, Cr\$ 65,00.

Na Cabana, dança e comida.

Pela estrada de Itatiba, à 500 metros da rua Carlos Gomes, está a entrada para o restaurante "A Cabana" no Jardim Tarumã. Um casarão de madeira com flores nas janelas, totalmente decorado em estilo rústico.

A especialidade da casa é a rã servida de diversas maneiras: "rã à provençal", "rã à doré", "rã à milanesa", "rã ao vinho branco", entre outras. Para sua manutenção, o restaurante possui um ranário no próprio local.

Além do serviço de som permanente, o organista Ewerton Pernambuco está lá, tocando todas as sextas feiras e sábados.

O restaurante "A Cabana" funciona de terça a domingo, das 11 horas em diante. Aceitam cartão de crédito e cheque especial.



PROGRAMA

Clube Jundiense: dia 15 na sede de campo, Baile dos Casais com o "Caribe Som 5" e show com Wilson Simonal e seu conjunto.

Grêmio: sábado, Baile dos Veteranos, numa promoção do Clube Beneficente Recreativo Veteranos de Jundiá. Domingo brincadeira dançante com o conjunto "Super 707".

Nacional: Baile Carnavalesco com a "Orquestra City Swing" sábado, às 23 horas.

Banda: sábado, o "Sandalus" estará no mini-baile e domingo a brincadeira dançante será com o musical Avanço 2000.

Caxambú: Baile das Estrelas com André e sua Orquestra. Ingressos a 25 cruzeiros (homens) e 5 cruzeiros (mulheres).

Esportiva: Baile pré-carnavalesco, com o conjunto Youg Brothers, dia 15.

VARIEDADES



Escreva um conto, mande pra nós. Você pode ser premiado.

Com o objetivo de incentivar o aparecimento de novos valores e de estimular a literatura em nossa cidade, o **Jornal de 2a-Feira** está criando o **I Concurso de Contos de Jundiá**. Poderão concorrer todos os interessados, e os contos serão julgados por uma Comissão a ser anunciada oportunamente pelas páginas do **Jornal de 2a**. O melhor conto será premiado com 3 mil cruzeiros. O segundo colocado com 1.500 cruzeiros, e o terceiro colocado receberá 500 cruzeiros. Prazo de entrega: até 15 de janeiro.

Este é o regulamento do **I Concurso de Contos**:

1 — o **I Concurso de Contos de Jundiá**, criado pela Editora Japi, proprietária do **Jornal de 2a-Feira**, oferecerá 3 mil cruzeiros ao vencedor, 1.500 cruzeiros ao segundo colocado e 500 cruzeiros ao terceiro colocado, de acordo com o julgamento da Comissão a ser designada pela leitura e seleção dos textos;

2 — poderão concorrer todos os interessados, sem qualquer limite de idade, e sem qualquer outra distinção;

3 — os trabalhos enviados devem ser inéditos;

4 — os temas serão de escolha absolutamente livre dos concorrentes;

5 — todos os candidatos ao concurso deverão enviar seus trabalhos sob pseudônimo, em cinco vias, ao **Jornal de 2a-Feira**, rua Senador Fonseca, 1044, Jundiá, CEP 13.200. Em envelope à parte, fechado, deverão ser colocados o nome real, o pseudônimo, o endereço, dez linhas de dados pessoais,

6 — os trabalhos deverão ser datilografados em espaço duplo numa só face do papel, com uma média aproximada de 30 linhas de 70 toques por página;

7 — os trabalhos devem ter as seguintes dimensões: mínimo de 2 páginas datilografadas, máximo de 14;

8 — os três primeiros colocados serão publicados nas páginas do **Jornal de 2a**; outros trabalhos, mesmo não premiados, poderão ser publicados, a critério da direção da Editora Japi;

9 — os trabalhos deverão ser entregues até o dia 15 de janeiro de 1977;

10 — os resultados do concurso serão divulgados num prazo não superior a dois meses a partir da data do encerramento do concurso; os prêmios serão entregues em data a ser fixada, e que será publicada pelo **Jornal de 2a-Feira**;

11 — os casos omissos serão resolvidos pela direção da Editora Japi.

OS BONS IMÓVEIS ESTÃO AQUI

CASAS

Rangel Pestana — Térrea, sala em "L", lavabo, jardim de inverno, 3 dormitórios com armários, 2 banheiros sociais, garagem lavanderia, dependência de empregada. Cr\$ 1.300.000,00. **Oferta Central de Imóveis.**

Anhagabaú — Fina residência, sala, 3 dormitórios com armários, uma suite, garagem, copa-cozinha, banheiro, salão de festas, dependência para empregada, ótimo acabamento. Cr\$ 700.000,00. **Oferta Central de Imóveis.**

Jardim Brasil — Nova, com 3 dormitórios todos com armário, sendo: 1 tipo suite, banheiro social, sala de estar, sala de jantar, sala de TV, cozinha, 1 comodo para despejo com armário, lavanderia, varanda externa, dependência para empregada, quintal, canil, aquecedor central, armários externos, etc... **Oferta: Ribeiro**

Parque do Colégio — Jardim frontal, sala, 3 dormitórios com suite e closet, lavabo, copa-cozinha, banheiro social, lavanderia, dependência para empregada, garagem para seis carros. Cr\$ 800.000,00. **Oferta Central de Imóveis**

Rua Pirapora — Casa térrea, cozinha e banheiro. Ótima localização. Preço: Cr\$..... 250.000,00 à vista. Ver e tratar à rua Pirapora, 214, (ao lado do Anchieta) na parte da manhã.

Centro — fina residência, parte superior com 3 dormitórios todos com armário, 1 suite, sala para TV, 2 banheiros completos. Parte térrea, sala grande em L com lareira, hall, banheiro social, cozinha tipo Kitechen, com armário, sala de jantar, lavanderia, dependência para empregada, jardim, abrigo para 2 carros, quintal. Cr\$ 1.200.000,00. **Oferta Ribeiro.**

Jardim Cica — fina residência estilo colonial nova, com 3 dormitórios todos com ar-

mário, 1 suite, banheiro social, sala com carpete, sala de jantar, cozinha com armários, lavabo, dependência para empregada, lavanderia, abrigo jardim, quintal grande. Cr\$... 900.000,00. **Oferta Ribeiro.**

SÍTIOS E CHÁCARAS

Caxambu: com 2 alqueires e meio, ótima topografia, 2 águas correntes, nascente, meio alqueire de mata. Ocasão. **Oferta: Ribeiro**

Engordadouro: com 4 alqueires e 3/4, excelente para Clube de Campo, com casa sede, casa para caseiro, nascente, poço artesiano, 2 alqueires de mata, pomar. Preço de Ocasão. **Oferta Ribeiro.**

Jundiá-Mirim — 22600 m2, plana, luz, água corrente, pomar, ótima topografia. Apenas à 300 metros do asfalto. Cr\$ 700.000,00. **Oferta Ribeiro.**

Malota — magnífica chácara, 5.000 m2, entrada majestosa, vivenda estilo "clássico", três dormitórios, 1 suite, vestíbulo duas amplas salas, lareira, cozinha moderna e funcional, banheiro, tudo com armários embutidos, carpete, dependência para empregada. Cr\$... 1.800.000,00 (977). **Oferta Central de Imóveis.**

Nova Era — chácara maravilhosa, 2,5 alqueires, excelente vivenda, sala ambientes, 3 amplos dormitórios, 2 banheiros, garagem, piscina com filtro, 20.000 m2 de gramado, pomar, dois lindos lagos, fino trato, casa de caseiro. Cr\$... 2.500.000,00 (1.230) **Oferta Central de Imóveis**

OS BONS CORRETORES ESTÃO AQUI

RIBEIRO IMÓVEIS

administração e venda

rua Mal. Deodoro da Fonseca, 479
tel. 436-6388

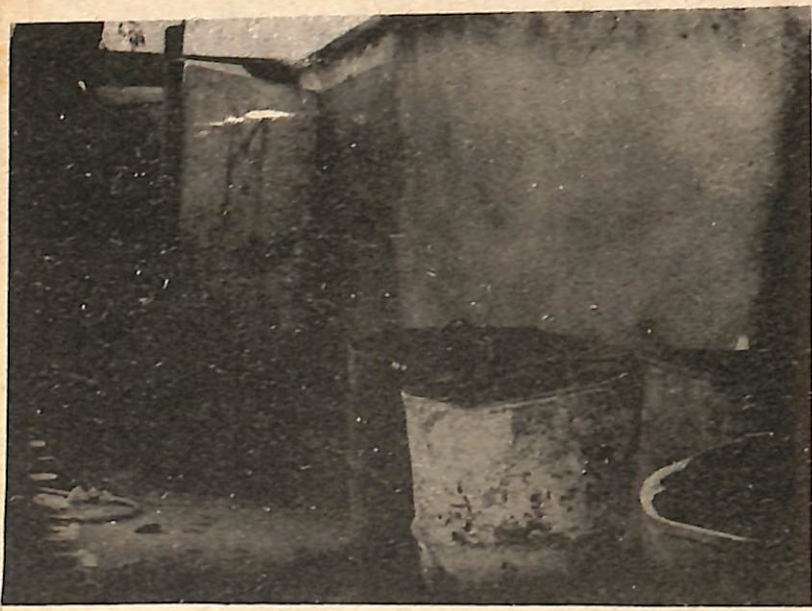


CENTRAL DE IMÓVEIS

Rua Barão de Jundiá, 1080
Fone 434-3311



BAIXARIA NO MATERNIDADE



Bem ao lado do Hospital e Maternidade Jundiáí, uns operários que trabalham numa construção fizeram um banheiro com tábuas e até instalaram uma torneira. Tudo isso bem no meio da calçada. Em dias de calor, como tem acontecido, o mau-cheiro invade até os quartos do hospital. Mas, como desgraça pouca é bobagem, o próprio estabelecimento se encarrega de se poluir: ao lado do banheiro, ficam seus latões de lixo, onde são deixados os resíduos hospitalares, que também contribuem para que odores desagradáveis inundem os quartos dos pacientes. (Kazuo)

JUNDIAÍ CLÍNICAS



Locais de atendimento
UNIDADE CENTRÒ

Rua Siqueira de Moraes, 242
Fones: 4-1067 e 4-1777

UNIDADE VILA ARENS

Rua Frei Caneca, 162
Fones: 6-3260 e 6-8248

UNIDADE PRUDENTE

Rua Prudente de Moraes, 1372
Fone: 6-6964

UNIDADE DE ABREUGRAFIA

Rua Prudente de Moraes, 1372
Fone: 6-6964

UNIDADE CAMPO LIMPO

Av Manoel Tavares da Silva, 495
Campo Limpo Paulista

HOSPITAL
SANTA RITA DE CASSIA

Praça Rotatória, s/n - J. Messina
Fone: 4-1666

OLÍMPICA INDIFERENÇA

Que a televisão brasileira merece ser espinafurada, não tenho dúvida. Que se fale mal do baixo nível de certos programas, está certo. Que se critique o violenta invasão dos enlatados estrangeiros e sua sub-cultura na TV, acho ótimo. Que se defenda um uso mais inteligente, mais racional, para esse massificante veículo de comunicação acho perfeito.

O que eu não aguento mais é aquele ar superior, aquela pose de intelectual de Harvard de certos sujeitos,

que fazem cara de olímpica indiferença diante de alguém que comenta algum programa de TV.

Portanto, declaro e asino: quando posso eu vejo novela, Fantástico, filme de banguê-banguê, jogo de futebol, etc. E para quem argumentar que eu aproveitaria melhor o meu lazer lendo um livro, ou indo a um teatro, direi que qualquer teatrinho está custando no mínimo Cr\$ 60,00 (130 0 casal), que qualquer livrinho fininho não custa menos de 50 a 60 pratas, e que a TV é de graça.

Nem por isso deixo de ler (e muito), e de ir ao teatro. Só que, lamentavelmente, pelo menos 95% da população brasileira não tem dinheiro para isso. Logo, não tem como defender-se da olímpica intelectualidade que fica desprezando a gratuita TV. (SR)



Logo for 'AH MABS' with a stylized 'X' shape. Text includes: 'Textos', 'Desenhos', 'Anúncios', 'Logotipos', 'Folhetos', 'Cartazes', 'Comunicação Visual'. Address: 'Rua Dos Bandeirantes, 683 Fone 6 8060 Jundiáí'. Name: 'DECIO DENARDI'.

ATUALIDADE & CULTURA

Durante toda a semana que passou o Canal 2 (ele existe, você sabia?) levou o filme de Jean Renoir, "Esta Terra é minha", no programa "Última Sessão de Cinema".

Charles Laughton, Maureen O'Hara e George Sanders encabeçam um elenco cheio de gente boa. O filme é sobre a ocupação nazista na França, sobre o trabalho dos heróicos homens e mulheres da "Résistance", e termina com Laughton lendo a Declaração dos Direitos do Homem a uma classe de alunos: ele é o professor que será morto pelos nazistas.

Um excelente filme, que terá atualidade enquanto houver opressores e oprimidos. Sempre? Não acho, não. (E.M.)

DEUS TE OUÇA

"... Quando o Pereba chegou, eu enchi os copos e disse, que o próximo ano seja melhor. Feliz Ano Novo". É assim que termina o conto Feliz Ano Novo do livro idem, agora no índex. Deus te ouça, Rubem Fonseca, Deus te ouça. (S.V.)

SAFA!

O Clube Jundiáense está anunciando para dia 15, à noite, na sede de campo, mais um baile dos casais. Até aí nada de mais. Sabe quem é que vai cantar? Sabe? Wilson Simonal! Safa! Argh! (S.V.)

DEPOIS DO FATURAMENTO

No dia 1.º de janeiro, o JC presenteou seus leitores com um suplemento especial cheio de mensagens (pagas, é claro) de seus anunciantes, desejando feliz ano novo. No dia 5, o mesmo JC publicou um artigo assinado por I.M.C.O. (?), intitulado: "Esse negócio de ano novo é uma grande cascata!". (AF)

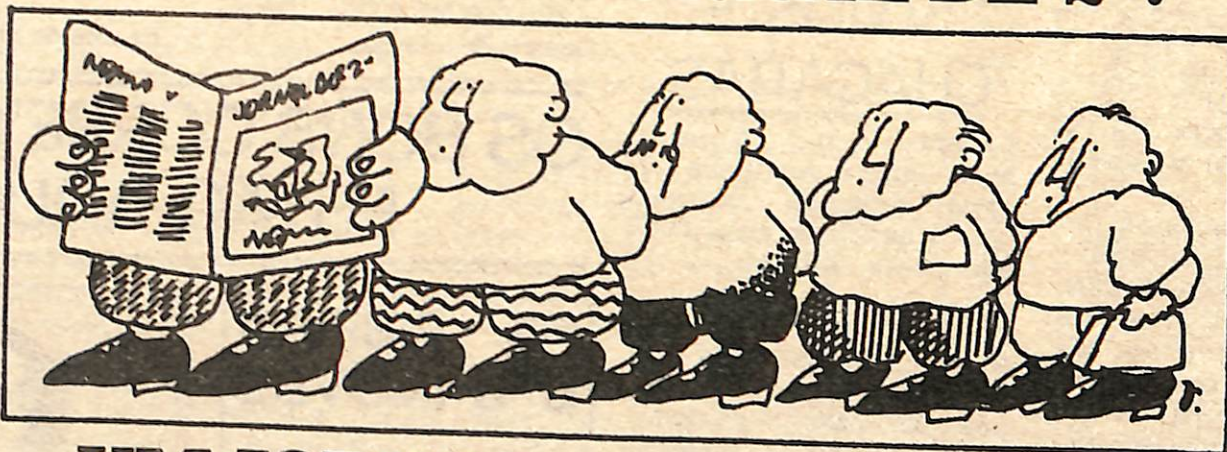
DEU NO JJ

Anúncio publicado no Jornal de Jundiáí de 5 de janeiro passado: "Datilógrafa - secretária - Precisa-se, com prática em máquina elétrica. Indispensável apresentar-se sem os requisitos acima (...)" Olhai, não-datilógrafas-não-secretárias sem prática em máquina elétrica. O que é que vocês estão esperando? (AF)

AULAS DE ITALIANO

Os interessados devem tratar pelo telefone 436-2131.

ASSINE O JORNAL DE 2ª.



UM JORNAL DE MUITA COR E MUITO PRETO NO BRANCO.



A TERRA É LÁ

Itupeva realizou, dias 8 e 9, sua terceira Festa da Uva, com exposições, eleição de rainha, festejos típicos, prêmios a expositores, tudo feito na base da população ajudando a Prefeitura.

Pros fracos de memória, houve um tempo em que Jundiá se fazia também Festa da Uva. Era quando isto aqui era chamada "Terra da Uva", antes desse processo todo.

Como, meu senhor? O senhor acha que se fosse tempo de eleição a gente teria uma Festa da Uva? Pobre homem, desde 1975 que Jundiá é a terra do Peão Boiadeiro. Ou o senhor não se lembra do mo cinho andando a cavalo? (E.M.)



RIDICULOUS

Duas grandes redes de supermercados norte-americanos iniciaram um boicote ao consumo de café, colocando até cartazes em suas portas, alertando o consumidor a respeito dos "ridiculous prices" da rubiácea.

Ainda bem que aqui a gente não tem que importar café. (E.M.)

ERA DE AQUARIUS

Entre os dois mil processos administrativos que correm atualmente na Prefeitura de São Paulo, está um que envolve o engenheiro Milton Portieri, já afastado da Administração Regional do Ipiranga.

Portieri avaliou irregularmente uma obra, beneficiando uma empreiteira.

Acontece cada coisa em São Paulo que deixa a gente abismado! (E.M.)

Apartamento na Praia Grande Aluga-se.

Acomodações até 9 pessoas. Tratar com Irineu Romanatto Filho - Av. Alvaros de Azevedo, 403 - Fone: 436-2832.

De frente para o mar. Lugar sem poluição ao lado do Aeroporto.

VISÃO ESTRÁBICA

Em editorial do dia 2, o "Jornal da Cidade" pedia que houvesse censura nos cartazes de publicidade dos cinemas locais.

Isso mesmo: jornal se queixando da falta de censura.

É mais um exemplo do espírito de cão-pastor que floresce em áreas aonde jamais deveriam encontrar abrigo.

Ora, ora, "JC", por que não exercer a força da imprensa para pressionar a empresa que exhibe tais cartazes? Por que não defender, pura e simplesmente, a comunidade contra os abusos da empresa? Mas, não. O negócio é logo "chamar a polícia". É o caminho mais fácil, hem? É evita briga com a clientela, hem?

Nova era? Bah! (E.M.)

ENTRE AMIGOS

Numa entrevista concedida ao achatinho Nelson.Mota, durante o coquetel de lançamento de "Gerais", seu último Lp, Milton Nascimento falou que está compondo várias músicas em parceria com Chico Buarque, "uma transa que começou quando gravamos "O que será", do disco do Chico".

O que será, que será que vem, hem? (E.M.)



LEIA E ASSINE

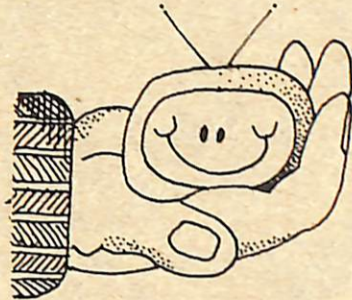
O JORNAL DE 2ª

fone:434-8648

FORA DE NÍVEL

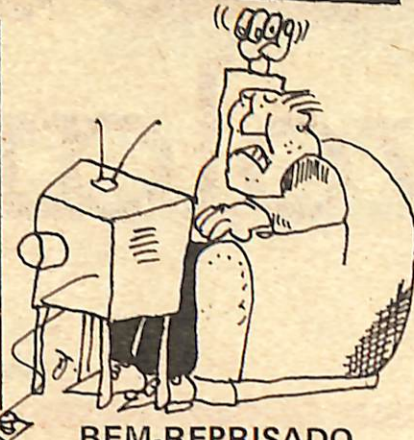
Cadê o frango mais veloz do mundo, hem? hem? hem?. A Sadia não deveria ter substituído seu comercial de natal, tirando sua estrela tão simpática, ou seja, nosso amigo franguinho. Poucos foram os bons comerciais este ano. Colaborando com isso para que o nível de nossa televisão continue estacionário. (Ca role)

UM BOM PROGRAMA



Às oito e meia, de segunda a sexta-feira, você assiste a um excelente programa no Canal 2 (existe, você sabia?).

O programa é "Panorama", apresentado por Aizita Nascimento e produzido pelo seríssimo Júlio Lerner. Fala de teatro, música, literatura, educação e tem, na crítica teatral e literária, seus pontos altos. Vale a pena. (E.M.)



BEM-REPRISADO

Em vista de mais um corte proporcionado pela censura, teremos a partir deste mês, a reapresentação da novela "O Bem Amado". "Despedida de Casado", estrelado, pelo incansável casal Cláudio Marzo e Regina Duarte não será mais levado ao ar. A primeira novela a cores feita no Brasil volta a ser o centro das atenções. Talvez uma das produções mais bem cuidadas da rede Globo. Começando por Dias Gomes, escritor que foi consagrado com "O Pagador de Promessas". A momentânea substituição foi bem escolhida. Um tema muito bem explorado, contando estórias dos coronéis baianos. Tudo isso com um elenco digno, encabeçado pelo maravilhoso Paulo Gracindo. Não percam. (Carole).

CONSTRUTORA JUNDIAÍ LTDA.
r Siqueira de Moraes n 578
8 andar conjunto 801 C

FOTOCOPIADORA MALTONI

TEMOS O MELHOR SERVIÇO DE XEROX DA CIDADE

Rosário, 618 Fone - 6-8460

LAGO AZUL
RESTAURANTE
PIZZARIA
CHURRASCARIA
SAUNA * MOTEL

VIA ANHANGUERA, KM. 72



Faculdades "PADRE ANCHIETA" de Jundiá
rua marçílio dias, 299
fone, 434-1763

VESTIBULAR '77

ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS - CIÊNCIAS CONTÁBEIS - LETRAS: português / inglês (licenciatura plena)
DIREITO - PEDAGOGIA: administração escolar 1º 2º graus e magisterio
INSCRIÇÕES: ABERTAS
TODOS CURSOS RECONHECIDOS
EXAMES: 24 A 27 DE JANEIRO/77

As mulheres, de volante nas mãos.

Nessa reportagem três mulheres motoristas de táxi falam sobre sua profissão como um novo meio de ganhar a vida. Por Sandra Boldrini.



Ana: Eu sempre quis fazer parte daquela turma.

"DETESTO TRANSPORTAR BÊBADO"

Ana Regina Lazaretti tem 21 anos e começou a trabalhar com táxi, seguindo o exemplo do irmão e do primo, que já eram motoristas há tempos. Está nesse emprego há 7 meses, depois de ter sido instrutora de auto-escola e de ter trabalhado como promotora de vendas da Vigor: "O meu sonho sempre foi fazer esse serviço, sempre quis fazer parte daquela turma.

"Comecei num domingo, com um táxi que meu irmão pediu a um colega que trabalhava no mesmo ponto que ele. Como toda profissão, a motorista de táxi também recebe de vez em quando um convite para almoçar de alguns atrevidos

ou de algum bozinho de meia tijela, apesar de que eu trabalho somente durante o dia, das 6 da manhã às 4 ou 5 horas da tarde.

"Muitas pessoas estão acostumadas com a gente e não querem pegar outro carro, às vezes se estamos com passageiros, elas nos esperam voltar só para pegar o nosso carro, e isso é muito bom. Quanto aos acidentes, até agora, não tive que socorrer nenhum, e nem quero, não gosto nada dessas coisas, porque depois dão muito rolô.

"Existe uma coisa que eu detesto fazer: é transportar gente bêbada. Já levei um passageiro uma vez, ele foi conver-

sando comigo o tempo inteiro e aquele bafo de pinga na minha cara não estava nada bom. Mas as crianças é que gostam de pegar o táxi que a gente dirige, porque nós vamos conversando e deixando elas fazerem o que quiserem, coisa que os homens já não deixam.

"Uma vez fui levar uma menina e a mãe até o Parque Comendador Antonio Carbonari. Como eu não estava com muita vontade de conversar, liguei o rádio e fui ouvindo música o caminho todo. Na hora de descer, a mãe me falou que a menina ficou o tempo inteiro lhe perguntando se naquele dia eu não ia conversar com ela, como da outra vez".

"GOSTO MUITO DO QUE FAÇO"

No começo ela estava meio receosa de dar a entrevista, mas depois Maria Tereza Alves Fiorese se decidiu a responder algumas perguntas. Ela tem 31 anos e em 19 de novembro de 76 fez um ano que está trabalhando como motorista de taxi.

"Resolvi fazer isso — disse Tereza — porque vi a Maria Rosa como motorista. Então pedi ao meu sogro, que tinha dois táxis, para me deixar trabalhar com um deles. Logo

que eu comecei, a Rosa saiu. Eu me senti meio deslocada, porque somente eu trabalhava com táxi na época, mas depois ela voltou e agora estão aparecendo mais mulheres ainda para fazer esse serviço.

"Gosto muito do que faço, adoro dirigir, já fui instrutora da Auto Escola Icarai e da Auto Escola Vila Arens, mas lá eu trabalhava muito e ganhava pouco. Com táxi

dá para ganhar um pouco mais e não é tão puxado, eu ganho um comissão de 30% do meu sogro, o que dá de 100 a 150 cruzeiros diários. Ele até prefere que eu mesma trabalhe com ele, do que ter que entregar o táxi a outra pessoa.

"Até agora não tive problemas com as pessoas que transportei, a macacada me respeita muito, e eu acho que respeito não se impõe, conquista-se"



Rosa: Essa profissão é de muita responsabilidade

"JA TRABALHEI EM TRÊS PONTOS DE TÁXIS"

Maria Rosa Guimarães dirigia muito bem, então em fins de 74 resolveu ser motorista de táxi. Ela acha essa profissão de muita responsabilidade e gosta do que faz: "O pessoal colabora muito comigo, sou muito elogiada pela coragem de trabalhar nesse serviço e de ficar das 6 até às 11 horas da noite, de vez em quando.

"Adoro lidar com o público, a gente vai conversando e às vezes é até convidada para tomar um cafézinho na casa das pessoas que transporta. Já trabalhei em três pontos de táxi nesses 18 meses de motorista: o primeiro foi em frente ao antigo ponto do Cometa, perto da matriz, depois eu fui para a Colônia e agora estou no Jumbo.

"Muita gente espera muito tempo num ponto

de táxi para pegar o carro que a gente dirige, e com isso vamos aumentando a freguesia. Quanto ao ordenado, ele é bom, se você trabalhar bastante no mês de dezembro, eu e meu marido chegamos a tirar 10 mil cruzeiros.

"Já transportei muita gente doente, uma mulher quase chegou a dar a luz dentro do meu carro, já socorri pessoas acidentadas, como naquele desastre perto da Vulcabrás. A menina que dirigia não tinha muita prática, e como chovia demais, ela capotou. Levei-a para o hospital em más condições, mas segundo soube no dia seguinte ela já tinha melhorado.

"São essas coisas que às vezes me deixam triste e que às vezes me torna muito responsável, apesar de ser muito calma e ter sangue frio nessas horas".